



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE GEOGRAFIA

ANAÍNE JANUÁRIO DA SILVA

**PASSADO E PRESENTE DAS MULHERES DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO:
O TRABALHO, O ACESSO À EDUCAÇÃO E AS RESISTÊNCIAS CONTRA O
PATRIARCADO**

Delmiro Gouveia

Maio/2021

ANAÍNE JANUÁRIO DA SILVA

**PASSADO E PRESENTE DAS MULHERES DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO:
O TRABALHO, O ACESSO À EDUCAÇÃO E AS RESISTÊNCIAS CONTRA O
PATRIARCADO**

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura plena em Geografia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Suana Medeiros Silva.

Delmiro Gouveia

Maio/2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4/2063

S586p Silva, Anaíne Januário da

Passado e presente das mulheres de Olho d'Água do Casado: o trabalho, o acesso à educação e as resistências contra o patriarcado / Anaíne Januário da Silva. – 2021.

55 f. : il.

Orientação: Suana Medeiros Silva.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Desigualdade de gênero. 2. Mulher. 3. Preconceito. 4. Representatividade. 4. I. Título.

CDU: 981(813.5)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: Anaíne Januário da Silva

“PASSADO E PRESENTE DAS MULHERES DE OLHO D’ÁGUA DO CASADO: o trabalho, o acesso à educação e as resistências contra o patriarcado” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 02 de junho de 2021.

Banca Examinadora:

Suana Medeiros Silva

Prof.^a Dr.^a Suana Medeiros Silva
(Orientadora)

Francisca Maria S. Vasconcelos

Prof.^a M^a Maria Francisca Teixeira Vasconcelos
(1^a Examinadora)

Flávia Jorge de Lima

Prof.^a Dr.^a Flávia Jorge de Lima
(2^a Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois permitiu-me que tudo isso acontecesse em minha vida, e não somente nestes anos que passei na universidade, mas também em todos os momentos de dificuldades e conquistas, sempre dando-me forças para continuar e conquistar tais objetivos.

À Universidade Federal de Alagoas e toda sua equipe de docente, especialmente ao curso de licenciatura plena em geografia; a todos funcionários do campus Sertão pelo carinho; a todos os professores que escreveram essa parte desta história junto comigo; a direção e administração que oportunizaram-me a janela que hoje vislumbro um horizonte superior de ensino em nosso sertão alagoano.

À minha orientadora Profa. Dra. Suana Medeiros Silva pelo apoio, confiança, dedicação e paciência nessa jornada. A ela agradeço, por cada dedicação e paciência comigo, sempre terá meu eterno agradecimento e carinho.

A todos os professores por dedicar-me o seu melhor conhecimento, pela paciência e dedicação nos momentos difíceis, pela formação acadêmica, assim como na formação de raciocínio e caráter, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem feito-me aprender. Especialmente a Prof. Dra Flávia Jorge Lima, Prof. Drº Lucas Gama, Prof. Me Luã Karll de Oliveira, Prof. Drº Alegnoberto Leite, Prof. Drº Roberval Fellipe e também todos os professores das licenciaturas pedagógicas e historiadores.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional e dedicação. Agradeço a minha mãe Gizalva Januário que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de cansaço. Ao meu pai José Rosinaldo que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu. Ao meu filho José Heitor Januário, que apenas com 3 aninhos de idade conseguiu-me fortalecer e me encorajar para lutar. O meu muito obrigada às minhas irmãs, Janaíne Januário e Jaqueline Januário que nos momentos de dificuldades estavam sempre ao meu lado e me fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação. Agradeço também aos meus avôs (*in memoriam*) e meu cunhado pela contribuição valiosa e apoio.

As minhas tias e primas pela ajuda e apoio, nas horas difíceis em especial a tia Cléia (*in memoriam*), seu esposo e a Maria José pelo acolhimento em sua residência nos primeiros anos de universidade. A minha patroa Roberta pelo carinho e preocupação comigo e toda sua família.

Aos amigos de sala, pois passamos vários anos juntos de aprendizagem e dificuldades um apoiando o outro, Carlos, Joelma, Aristiane, Thalyne, Eliel, Nubia e principalmente a Tatiana. Cada um tem uma contribuição valiosa, pela companhia durante estes anos.

A todos que fizeram parte da minha história de formação direta ou indiretamente, o meu carinho e muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo, analisar as lutas sociais das mulheres pelo direito de igualdade nos dias atuais nos povoados Letreiro, Lagoa da Cruz e Lagoa da Vaca no município de Olho d'Água do Casado/AL, e também entender suas crenças, culturas e estudos. As mulheres ainda, em pleno século XXI, clamam por um direito de igualdade em nossa sociedade machista, mas as mulheres sertanejas desses povoados estão cada dia conquistando seus espaços de igualdade, mesmo que seja aos poucos elas avançando. Temos como base teórica de estudo, Michelle Perrot, a mesma, tem uma maneira incrível e uma força inabalável para lutar pelos direitos das mulheres, e em seu livro “Minha história das mulheres” ela mostra toda realidade feminina da sua época, Perrot já era bem avançada para seu tempo, mas ela tinha o apoio de sua família que além de estar ao seu lado sempre incentivou a fazer sua faculdade coisa difícil para uma mulher e a escrever seus livros. Ela também mostra que com o passar dos anos podemos ver que nossa sociedade ainda é bem machista. Ao realizar tal pesquisa de campo foi possível observar as dificuldades que as mulheres enfrentam todos os dias, de uma forma tão comum que já está enraizado dentro da nossa cultura e as próprias mulheres passam como ensinamento para as suas filhas seguirem de rotina é isso que ainda é surpreendente.

Palavras-chave: Luta das mulheres; desigualdade de gênero; preconceito.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the social struggles of women for the right to equality nowadays in the towns of Letreiro, Lagoa da Cruz and Lagoa da Vaca in the municipality of Olho d'Água do Casado / AL, and also to understand their beliefs, cultures and studies. Women, still in the middle of the 21st century, claim for a right to equality in our macho society, but we country women from these villages are everyday conquering our space of equality, even if it is little by little. We have the theoretical basis of study, Michelle Perrot, the same, has an incredible way and an unwavering strength to fight for our women's rights, and in her book "My story of women she shows all the feminine reality of her time, Perrot was already well advanced for her time, but she had the support of her family, who besides being there, at her side always encouraged her to make college difficult for a woman and write her books. When conducting such field research it was possible to observe the difficulties that women face every day, in such a common way that it is already rooted within our culture and the women themselves pass on as a teaching for our daughters to follow routinely this is what still It's surprising.

Keywords: Women's struggle; gender inequality; prejudice.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Praça Noé Leite.....	13
Imagem 2 Uma das três lagoas do município Lagoa da Cruz.....	15
Imagem 3 Escola Municipal Elizeu januario de Melo.....	17
Imagem 4 PSF Lagoa da Cruz.....	18
Imagem 5 Rocha do Letreiro.....	20
Imagem 6 Rocha do Letreiro.....	20
Imagem 7 Ulisses Municipal Pinto Bandeira.....	22

MAPAS E GRÁFICOS

Mapa 1 Mesorregiões.....	14
Mapa 2 Mapa Político-Administrativo de Olho D'Água do Casado.....	14
YGráfico 1 Taxas de participação da força de trabalho de pessoas com mais de 15 anos..... ...30	
Gráfico 2 Níveis de ocupações de pessoas com 25 a 49 anos de idade com ou sem criança de até 3 anos vivendo em domicílio.....	31
Gráfico 3 Taxa de participação na força de trabalho 2019.....	32
Gráfico 4 Nova geração de mulheres.....	34
Gráfico 5 Analfabetismo das mulheres mais velhas.....	35

SUMÁRIO

1	
INTRODUÇÃO.....	9
2 ORIGEM DA CIDADE DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO-AL.....	12
2.1 Comunidade Lagoa da Cruz.....	15
2.2 Comunidade Letreiro.....	19
2.3 Comunidade Lagoa da Vaca.....	21
3 SOBRE GÊNERO, PATRIARCADO E TRABALHO.....	24
3.1 Entendendo gênero, patriarcado e a divisão sexual do trabalho.....	24
3.2 Trabalho produtivo e trabalho reprodutivo: apreendendo as faces do trabalho das mulheres.....	28
4 PASSADO E PRESENTE DAS MULHERES DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO: TRABALHO, EDUCAÇÃO E AS LUTAS DIÁRIAS CONTRA O PATRIARCADO.....	33
4.1 Os impactos do patriarcado na vida privada e no acesso à educação e ao trabalho.....	34
4.2 As resistências e as lutas contemporâneas contra o patriarcado e seus impactos.....	39
4.3 Um relato histórico e comparativo das mulheres entrevistada, refletindo sobre os desafios e avanços.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo de estudo as histórias das mulheres da zona rural do município de Olho D'água do Casado-AL, o mesmo visa mostrar como elas lutavam e buscavam seus direitos diante da sociedade. Nosso trabalho foi feito por meio de entrevistas com as moradoras, foram realizadas com mulheres de idades diferentes, residente em povoados distintos e com histórias de lutas semelhantes.

Ao total foram, dezessete (17) entrevistadas com idade entre 18 a 87 anos, com o intuito de entender suas histórias e o porquê estavam saindo desses povoados para vim morar na cidade. Além dessas mulheres, foi realizada também a pesquisa para o levantamento de dados da origem desses povoados com os moradores mais antigos dessas comunidades e entender suas culturas, costumes e seus primeiros habitantes.

Os povoados de pesquisa foram o Letreiro, Lagoa da Vaca e Lagoa da Cruz todos bem próximos e localizados a 18 quilômetros da cidade de Olho d'Água do Casado-AL, fazendo divisa com as cidades de Inhapi, Piranhas, Água Branca e Delmiro Gouveia. Os povoados em pesquisas foram habitados por volta de um século atrás, onde seus primeiros habitantes tomaram posse dessas terras sem dono e sem produção. Na sua divisão territorial o povoado do Letreiro teve uma divisão geográfica, onde sua rocha em que deu origem a seu nome ficou pertencente a cidade Piranhas-AL, está também ficou conhecido como Letreiro I e Letreiro II por alguns moradores.

Desta forma, a pesquisa em questão faz-se necessária para podermos entender a origem do povoamento dessas comunidades, já que nem todos os moradores, principalmente os mais novos, conhecem detalhadamente sua história de origem. As únicas pesquisas que já foram realizadas foram feitas por duas professoras Zuleide Rodrigues e Marileide Melo no ano de 2012, apenas com o intuito de mostrar para os alunos a origem do nome e a quantidade de moradores que havia nos povoados, porém não teve êxito no seu aprofundamento e nem pesquisados sobre os primeiros habitantes. Com seu surgimento veio a construção de todos os valores, crenças e sabedorias desses novos moradores para essas novas comunidades.

As mulheres nessa época costumavam praticar bastante as suas religiosidades, elas costumavam fazer novenas (quermesse) na homenagem a santos e ao pagamento de promessas realizadas, no entanto, tais promessas muitas vezes eram pagas em romaria com

destino a outras cidades, como (Juazeiro-CE, Mata Grande- AL, Garanhuns-PE, etc.), essas novenas costumavam durar alguns dias e outras tinha um dia específico do ano para ser feito ou a data de comemoração ao dia daquele santo para ser rezada. As quermesses eram das poucas festas que aconteciam na região que as mulheres sempre podiam participar, a dona da festa sempre preparava tudo com antecedência para não faltar nada. Pela manhã as mulheres rezadeiras já chegavam para rezar o terço junto com os tocadores que vinham cedo para tocar, para quando chegar a noite receber todas as comunidades vizinhas e continuar a novena. Como de costume os festejos encerravam-se com leilões de vários objetos, como bolos, frutas, doces, queijos e até animais, o mesmo tinha como finalidade ajudar a arrecadar dinheiro para a igreja da comunidade, fazer suas reformas.

As mulheres dessas comunidades eram todas católicas e devotas de Nossa Senhora. Além dessa prática da novena, elas também se reuniam para rezar o terço e a Missa aos domingos, quando algum morador(a) da comunidade vinha a óbito elas costumavam a fazer uma sentinela em honra a alma da pessoa falecida, elas passavam a noite toda ao lado do caixão em oração. Essa cultura foi praticada durante muitas décadas e hoje já é uma cultura quase extinta na comunidade, pois as novas gerações não estão mais praticando essas antigas culturas e aos poucos estão se perdendo no tempo. Tais costumes estão deixando de existir e a comunidade está se remodelando, principalmente com o avanço das tecnologias e oportunidade de estudo. Conforme as décadas foram passando as mulheres buscaram seu lugar na sociedade, hoje uma realidade já modificada e novas culturas estão sendo praticada, a mulher já tem uma oportunidade de estudar, mesmo que de forma ainda precária e escassa naquela localidade. Haja vista, que nos tempos atuais, a mesma já tem acesso a meios de comunicação como aparelhos celulares, rádio e tv, uma realidade que foi mudada com a chegada da energia na localidade.

Outra cultura que foi presente nesta localidade era o cachimbo, que é a prática de comemorar a vida da criança ao nascer e a recuperação da mãe, esse cachimbo é uma cachaça temperada com mel, cravo e canela e servido para as visitas que estão indo visitar a puérpera. Hoje essa cultura já está quase extinta e poucos moradores ainda conhecem a receita dessa bebida.

O sentido da pesquisa deste trabalho, foi realizado para entender as histórias, culturas, crenças e lutas dessas mulheres camponesas que lutaram e vem lutando pelo seu espaço de igualdade. Nosso principal objetivo foi entender a vida dessas mulheres, como elas viviam

antes e o que elas estavam buscando para seu futuro. Nossa pesquisa foi utilizada nomes fictícios, para preservar a identidade e a segurança de cada uma das mulheres. As entrevistas aconteceram por via oral e pelo *WhatsApp*, onde as entrevistadas responderam um questionário de perguntas, nos meses de março e abril de 2021.

Já as entrevistas sobre o surgimento dos povoados ocorreram por via oral no mês de julho de 2019, onde priorizamos os moradores mais antigos dos povoados entre homens e mulheres de 40 a 87 anos de idades, entre analfabetos e formados de todos os povoados envolvidos na pesquisa.

2 ORIGEM DA CIDADE DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO-AL

A cidade de Olho d'Água do Casado começou o seu povoamento por causa da fonte da Matinha que atraía moradores de outras cidades. Por volta de 1877, com a chegada da estrada de ferro que passava na região em direção a Piranhas vindo de Delmiro Gouveia, foi intensificando a povoação de Olho d'Água do Casado foi intensificada por volta de 1877, na época em que o local serviu para acampamento de trabalhadores da estrada de ferro, um acontecimento que marcou o povoado trazendo os primeiros traços do progresso. No mesmo ano, com a conclusão da ferrovia, o povoado teve outro aumento populacional, por causa da passagem do trem. Segundo a autora Marcia Dayane (2017), que cita Petrauskas (2008) em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), a cidade teve seu início por conta de uma pequena fonte de água que existia na região, que por causa do longo período de estiagem do sertão começou a atrair moradores e fazendeiros das regiões circos vizinhos.

Os primeiros habitantes do povoado vieram da cidade de Água Branca-AL, um dos fazendeiros na época o Srº José de Melo Casado, começou a exploração da fonte da matinha, em meados de 1882, a primeira a ser descoberta para acabar com a sede do seu rebanho. A existência do poço foi espalhando-se, e novos moradores foram chegando e o povoado tendo seu crescimento, e novos poços foram perfurados para conseguir suprir a população, a fonte da matinha tinha esse nome por conta da mata que existia ao seu redor. Logo após, a vinda do Srº José de Melo Casado, vieram os Cordas (uma família que deu origem às famílias Sofia e Anacleto) a família Isaquiel (que deu origem à Família Isidoro), a família Vieira Sandes todos em busca do progresso da localidade e os trabalhadores da linha férrea após, ao término da obra foram ficando trabalhadores e trazendo seus familiares.

. O povoamento de Olho d'Água do Casado, teve maior intensificação depois do acampamento de trabalhadores da estrada de ferro, por volta de 1887, que trazia o progresso e desenvolvimento para Delmiro Gouveia como para Piranhas.

Imagem Praça Noé Leite

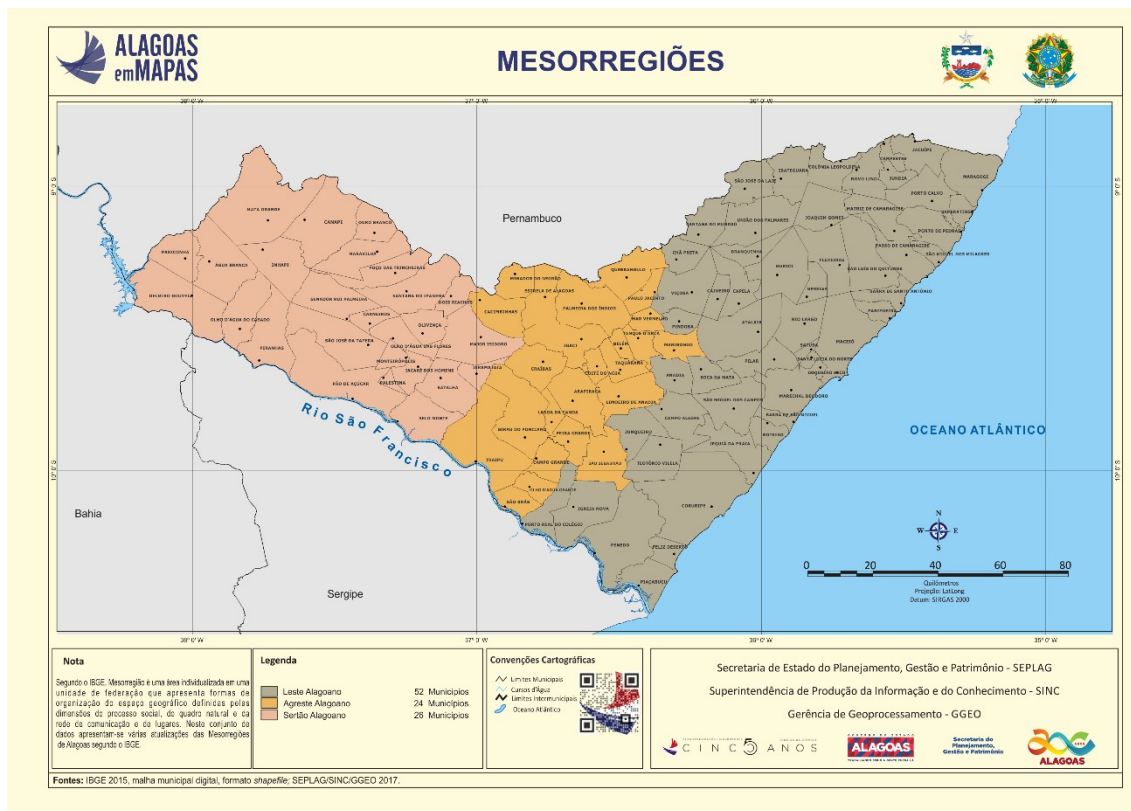


Fonte:http://www.adalbertogomesnoticias.com.br/2015/09/olho-daguado-casado-comemora-53-anos_18.html

Esse povoado pertencente da Cidade de Piranhas-Al, que depois de muitas lutas conseguiu sua emancipação política no dia 21 de setembro de 1962, com o decreto de Lei estadual N° 2.459, de 22 de agosto de 1962, publicado no Diário Oficial do estado de Alagoas, de N° 186, de 23 de agosto de 1962 e assinado pelo Governador do Estado, na época, o Exm° Sr. Major Luiz Cavalcante e como e o Sr. Ulisses Pinto Bandeira foi nomeado o 1° prefeito da nova cidade como cidadão casadense.

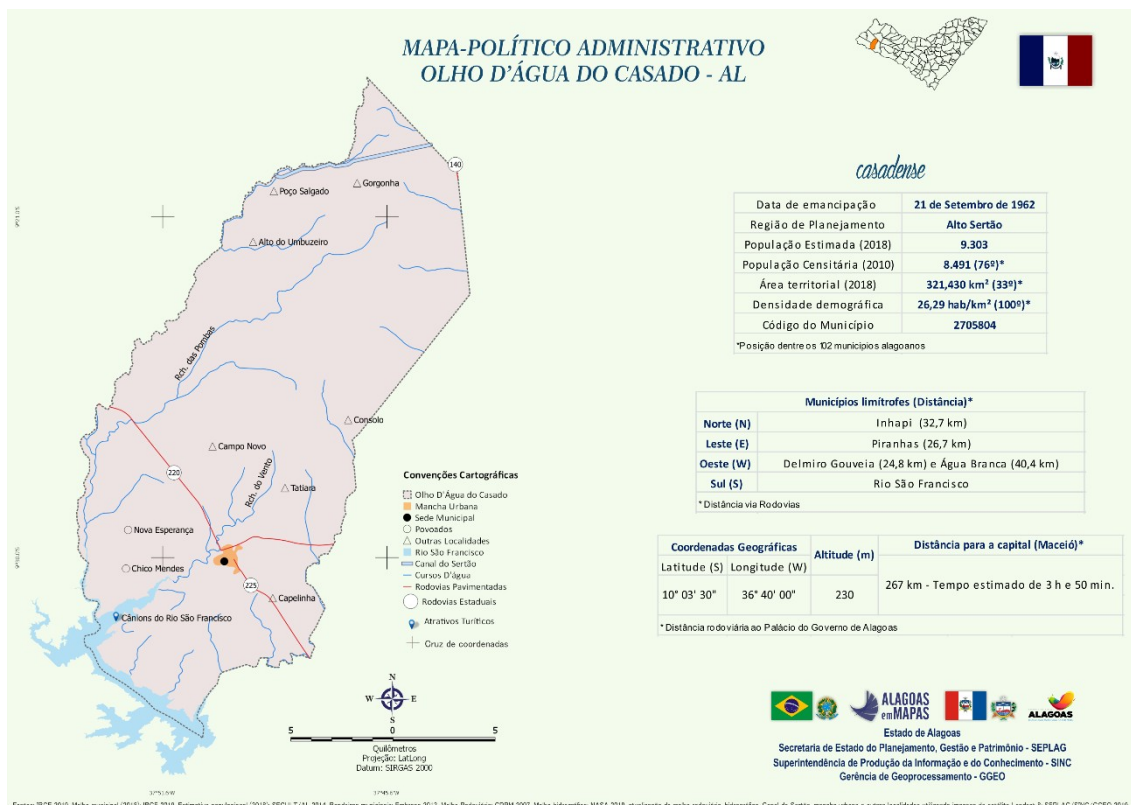
A cidade foi desenvolvendo-se ao longo dos anos, e no último censo do IBGE, no ano de 2010, a população subestimada era de 8.491 habitantes, entre zona urbana e zona rural. Olho d'Água faz divisa com Piranhas, Inhapi, Água Branca, Delmiro Gouveia e com o Rio São Francisco e tem vários povoados, como lagoa da vaca, lagoa da cruz, cruz da negra, letreiro, gorgolho, poço salgado, barracas, rede luz entre outros. A cidade é muito nova, na sua emancipação política ainda, mais já, teve um bom crescimento populacional só que os recursos que recebe do Governo Federal é pouco, o incentivo para o crescimento urbano e mal investido, a renda que circula na cidade é proveniente da agricultura familiar, da piscicultura, prefeitura, bolsa família e turismo por conta do rio "São Francisco".

Mapa Mesorregiões



Fonte: <https://dados.al.gov.br/catalogo/pt-br/dataset/mapas-de-caracterizacao-territorial/resource/9820ecef-fe49-468c-9dd1-732c619e0d33>.

Mapa Mapa Político-Administrativo de Olho D'Água do Casado



Fonte: https://dados.al.gov.br/catalogo/mn_MN/dataset/municipio-de-olho-d-agua-do-casado/resource/906ae1fd-477e-4b19-9455-5be48a220568?view_id=628da34a-22b1-4851-a323-22bf6f304534.

2.1 Comunidade Lagoa da Cruz

De acordo, com o morador Adelson Januário de Melo e sua esposa Maria José Rosa de Aquino, o povoado Lagoa da Cruz teve seu nome por causa de três lagoas que abasteciam toda a região no período de estiagem onde pessoas vinham de outros povoados com suas carroças, carros de boi e até mesmo a pé em busca de água para a consumo humano e animais, e ao lado uma dessas lagoas havia um xique-xique em forma de uma cruz.

O primeiro dono dessas terras foi o fazendeiro Elias Rodrigues, que habitou há aproximadamente um século vindo da cidade de Inhapi/AL, para a região com sua família, atraído pelas terras que nessa época não tinham donos era por posse, o primeiro a chegar e tomar de conta era o dono. Elias Rodrigues apropriou-se de muitas terras e começou a plantação agrícola a criação de gado. Também vieram outros moradores para trabalhar nas terras junto com ele, o senhor popularmente conhecido como Zé Fulô e sua esposa Clara, e seus irmãos Joana Fulô e seu esposo e Olavo Fulô e sua esposa. Depois da morte de Zé Fulô

seu filho Cícero Fulô assumiu suas terras com sua esposa dona Maria José conhecida como dona Zefinha que reside até os dias atuais na região com suas filhas.

Imagem Uma das três lagoas do município Lagoa da Cruz



Fonte: Arquivo pessoal

Em 1960 o Sr. Elias Rodrigues vendeu suas terras para o fazendeiro Elizeu Januário de Melo que se mudou para a região com sua esposa a Sr^a Maria Ferreira de Melo, também conhecida como Dona Sinharinha e seus filhos José Januário de Melo e Nilton Januário de Melo e suas noras Vanilda Pereira de Lima e Eleonora Pereira e mais outros filhos pequenos. Eles vieram de mudança para o município de Olho d'Água do Casado fugindo do distrito Vazias de Santa Joana, município de Poço das Trincheiras- AL, eles vieram fugidos por causa brigas entre a própria família por causa de posse de terras e dinheiro.

Elizeu Januário foi um dos maiores fazendeiros da região, em que tinha muitas terras para o plantio agrícola e uma criação grande de gado leiteiro, ele também doou terras para a construção do posto de saúde do município e terras para uma escola que tem o seu nome como homenagem.

Segundo registro da própria escola que dispõe de uma monografia escrita pela professora Marileide de Melo, a escola foi registrada pelo nome de “Escola Municipal Elizeu Januário de Melo”, a mesma foi construída e teve seu funcionamento no ano de 1982 e foi a primeira escola a ser construída nas áreas rurais do município e depois passou a ser construída a dos outros povoados. Antes da doação do terreno, Elizeu doou uma garagem para ser utilizado como escola, por filhos, netos e moradores e vendo a necessidade de uma escola

resolveu doar dois terrenos, para a construção do posto de saúde e da escola para a prefeitura que na época era administrado pelo prefeito Vitor Gomes Barbosa.

A escola teve seu funcionamento durante mais de três décadas, com o Ensino do Fundamental I do 1º ao 5º ano, a escola dispunha de uma sala que funcionava como multisseriada, uma cozinha, um banheiro, uma dispensa para guardar material e um pátio para os alunos, a mesma funcionava nos turnos matutino e vespertino até o ano de 2017, quando por falta de alunos e infraestrutura recomendada pelo MEC a escola foi obrigada a fechar as portas. Assim, todos os alunos da comunidade tiveram que estudar em outra comunidade próxima ou então na cidade. A escola durante essas três décadas foi local de aprendizagem de todas as crianças desse povoado e de outros vizinhos também.

Imagem Escola Municipal Elizeu Januário de Melo



Fonte: Arquivo pessoal

Depois de muitos anos de seca o xique-xique morreu e só resta uma lagoa onde também passa boa parte do ano seca e as outras duas foram desativadas e hoje em dia, a

Lagoa da Cruz é um povoado com poucos moradores a grande maioria todos habitantes fazem parte da família Januário de Melo ou da Fulô. Boa parte, desta nova geração, não estão mais na região por causa da seca e das poucas oportunidades de trabalho e de estudo, onde a única fonte de renda deste povoado é a agricultura familiar, a criação de gado, para a comercialização do leite então alguns dos moradores trabalham para a prefeitura da cidade mais também não recebem um bom salário em troca.

Imagem PSF Lagoa da Cruz



Fonte: Arquivo pessoal

O PSF (Programa Saúde da Família), da comunidade Lagoa da Cruz foi construído na gestão do Prefeito Vitor Gomes Barbosa, com a doação de terras do Sr. Elizeu Januário de

Melo no ano de 1982, para que a comunidade pudesse ter acesso a uma saúde básica sem precisar ir à cidade. Atualmente, o posto passou por uma reforma que não foi terminada, suas condições não estão muito boas, mas o posto possui atendimento duas vezes na semana com assistência médica geral, enfermeira e técnica de enfermagem e atende 9 comunidades do município (Gorgolho, Lagoa da Vaca, Lagoa da Cruz, Letreiro, Morro Vermelho, Cruz da Negra, Ouricurizeiro, Consolo e Retiro).

A energia nesse povoado chegou bem tardia, no ano de 2003, na gestão do prefeito Wellington Damasceno Freitas, popularmente conhecido como Xêpa. Antes da chegada da energia a população usava candeeiros, lampiões e lanternas para a iluminação e também placas de energia solar. O abastecimento de água ainda é precário e se dá pelo reservatório em cisternas tanto para o consumo humano como na seca para animais quando as barragens estão secas.

O mesmo aconteceu com as tecnologias nesse povoado, demoraram a chegar e ainda hoje seu desenvolvimento vem chegando em passos lentos, primeiro chegou a rede de telefonia que hoje, consegue atingir quase todo esse povoado e nos lugares que não chega à população usa torres de telefonia. Este foi o primeiro povoado a chegar à internet apesar de ter apenas 5 anos que isso aconteceu, mas já é um grande avanço para essa comunidade, na qual hoje em quase todas as residências já tem *internet*.

2.2 Comunidade Letreiro

Ao entrevistar a Sr.^a Josefa Rodrigues da Silva, ela falou que a comunidade Letreiro foi nomeada por causa de uma enorme rocha com figuras rupestres que tem nessa comunidade. Na época todo município de Olho d'Água do Casado/AL era pertencente a Piranhas/AL, no entanto, com a emancipação política de Olho d'Água do Casado, a divisão territorial se deu por uma estrada que dividiu as duas cidades, onde ficou a Comunidade Letreiro situada em Olho d'Água e a rocha em Piranhas. Com o passar do tempo essa rocha foi ficando conhecida e acabou virando atração turística, atraindo pessoas de fora para tirar fotos e tentar decifrar o que realmente era escrito na rocha, principalmente professores e estudiosos.

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso componentes humanos e natureza. A ideia de harmonia de equilíbrio, evidente analogia harmonia, organicista que Vida de la Blache adota, constrói, resultado de um longo processo de evolução, de maturação da região, onde muitas obras do homem fixaram-se, ao mesmo tempo com grande força de permanência e incorporadas sem contradições ao quadro final da ação humana sobre a natureza (CORRÊA, 2003, p.28).

O primeiro morador da região foi o Sr. Sebastião Delgado, que se apossou das terras junto com seu irmão João Delgado depois venderam para Manuel Gerônimo, que já tinha terras, na comunidade vizinha Lagoa da Vaca e vendeu todas suas terras para ir embora, para cidade de Delmiro Gouveia com sua esposa e suas três filhas para trabalhar na fábrica da pedra. E também, vieram uma família conhecida como Sabinos, em 1953, que se apossou de outra parte do povoado e em 1954 vieram os Martins junto com seus filhos em busca de terras para a agricultura e criação de gado.

. O Sr. Eduardo Francisco de Sousa, que era prefeito de Olho d'Água do Casado na época, comprou as terras do Sr. Manuel Gerônimo e passou a morar com sua família no povoado, depois ele vendeu uma parte de suas terras para o senhor Propício Januário de Melo e sua família que veio embora do distrito Vazias de dona Joana Poço da Trincheiras/AL, junto com seu irmão Elizeu Januário de Melo que acabou, morando no povoado vizinho Lagoa da Cruz, eles vieram fugidos de brigas por terras e dinheiro da própria família que na época era muito rica e poderosa, isso por volta de 1960.

Imagem Rocha do Letreiro



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem Rocha do Letreiro



Fonte: Arquivo pessoal

Em 1982 o Sr. Propício Januário de Melo decidiu vender suas terras e ir embora para a capital de Alagoas (Maceió) com sua família, ele vendeu todas as suas terras para o senhor Raimundo Soares da Silva e sua Esposa Guiomar França da Silva, com sua família que estavam vindo da cidade de Senador Rui Palmeira para a região em busca de uma vida melhor para a família e até os dias de hoje os filhos do Sr. Raimundo ainda reside na região com seus netos.

As tecnologias nesse povoado ainda são bem recentes, no qual, a energia elétrica tem apenas 18 anos quando chegou, no final do ano de 2003 para o início de 2004, no mandato do prefeito José Gualberto Pereira. O abastecimento de água ainda é feito por carros pipas e armazenado em cisternas, mas já tem o projeto para a chegada de água encanada só ainda não foi iniciado e nem tem uma data para que isso ocorra. As redes de telefonia ainda não conseguem chegar em todos os locais, mas em algumas residências já chega e a rede de internet chegou em 2021 nas primeiras casas desse povoado, ou seja, já temos algum avanço depois de décadas.

2.3 Comunidade Lagoa da Vaca

De acordo com a documentação que a professora Zuleide Rodrigues de Aquino desenvolveu em 2012, junto com a comunidade Lagoa da Vaca, a comunidade está localizada no município de Olho d' Água do Casado, a aproximadamente 22 km da cidade e próximo à divisa com a cidade de Inhapi/AL.

Lagoa da Vaca teve esse nome por origem a uma vaca que morreu em uma lagoa atolada. Segundo a Sr.^a Josefa Rodrigues da Silva, o primeiro morador da comunidade foi seu pai, o Sr. Pedro Cândido que veio com sua família e se apossou das terras, depois veio Manuel Gerônimo, e em meados de 1950 Manuel Alves comprou parte das terras, Cícero Sabino chegou depois e Luiz Foiço com sua esposa Antônia, que foi a primeira professora do município, vieram morar na região. O Sr. Joaquim Guilherme Gonçalves, vindo da cidade de Água Branca/AL, e João Maranhão com suas famílias passaram a morar nesta localidade e tomaram posse das terras sem donos daquela localidade. O Sr. Eduardo Francisco de Souza que já era dono de terras na comunidade vizinha Letreiro também comprou terras para aumentar suas propriedades e criação, mas depois acabou vendendo para ir morar na cidade de Delmiro Gouveia/AL, no final do seu mandato de prefeito de Olho d'Água do Casado.

Em 1984, a comunidade ganhou sua escola que tem o nome de Escola Municipal Ulisses Pinto Bandeira, que recebeu esse nome em homenagem ao primeiro prefeito de Olho d'Água do Casado e foi construída na gestão do prefeito Hélio Marques de Alencar e atendia o Ensino Fundamental I e atuou até o ano de 2016, quando teve que fechar as portas por falta de alunos e também de reforma com base nas normas prevista pelo MEC, ela também funcionava com uma sala multisseriada.

A comunidade é bastante simples, a população é todos agricultores (as) e sobrevive dessa prática durante gerações. A oportunidade de estudo daquela época era bem precária, tanto para os alunos, quanto para as professoras, que dispunham de poucas condições de ensino.

Imagem Ulisses Municipal Pinto Bandeira



Fonte: Márcia Dayane de Aquino França

Atualmente a comunidade, é bastante povoada muitos jovens saíram em busca de estudo e trabalho mais ainda estão na migração pendular (diária), no final do dia estão de volta ou no final de semana sempre retornam para a sua casa, como é o caso da Marcia Dayane Aquino França, que utilizei sua pesquisa de TCC (Trabalho de conclusão de Curso), ela mora no povoado com seus pais e todo dia vinha estudar e agora vai trabalhar e volta.

O povoado de Lagoa da Vaca foi o primeiro a ter energia elétrica de todos os povoados de Olho d'Água do Casado, no final de 1997 o prefeito Hélio Alencar, no final do seu mandato, vendo a necessidade resolveu fazer esse projeto. As redes de eletricidade da cidade de Olho d'Água eram tão distantes que ele resolveu puxar das redes da cidade vizinha Inhapi-AL que ficava mais próximo e seria mais rápido, já que esse povoado fica quase na divisa de Olho d'Água e Inhapi.

O abastecimento de água ainda é por parte de caminhões pipas e cisternas, tem um projeto recente onde já foram feitas medições onde vai passar a encanação da rede de água. Mesmo esse povoado ficando bem próximo do canal do sertão a sua população residente ainda sofre bastante no período de estiagem principalmente para quem tem criação de animais.

A rede de telefonia funciona bem nesse povoado, onde chega até sinal de mais de uma operadora dependendo da localidade da residência e a *internet* já estar bem desenvolvida nessa localidade, onde chegam 80% das residências com *internet*. São poucos os moradores que ainda não têm acesso à internet e assim facilitando as aulas remotas para alguns alunos.

3 SOBRE GÊNERO, PATRIARCADO E TRABALHO

3.1 Entendendo gênero, patriarcado e a divisão sexual do trabalho

Para SAFFIOTI (2004), a concepção de violência de gênero não se trata absolutamente de violência do homem contra a mulher, e sim abrange todos da humanidade e também pode ser violência de mulher contra homem. No entanto, também há preconceito por parte das próprias mulheres, uma vez que, o regime de criação está enraizado no patriarcado, e as mulheres já cresciam com esta cultura machista, em muitos casos, elas mesmos acham normal este tipo de tratamento, conforme as décadas foram passando, este conceito de que mulher tem que casar, ter filhos e cuidar da casa e do marido, foi sendo desconstruído pela luta de igualdade de gênero.

Nestas comunidades, de mulheres simples e sem oportunidade de estudo, as jovens foram buscando novas metas de vida e assim mudando a realidade que por muito tempo, foram cenário da vida de suas mães, avós, tias, enfim mulheres que não tiveram os mesmos direitos.

O conceito de gênero sempre vai abordar uma divisão histórica, mas é um conceito aberto. No entanto, tal conceito de patriarcado sempre irá abordar a exploração das mulheres pelos homens, transformando-as em seres oprimidos e subordinados. Esta realidade, atrela a vida de muitas mulheres que desde sempre foram vítimas do machismo social, as mesmas por opressão acabam praticando tal violência machista com elas mesmas.

O conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida. Há, porém, feministas que veem a referida hierarquia, independentemente do período histórico com o qual lidam. Aí reside o grande problema teórico, impedindo uma interlocução adequada e esclarecedora entre as adeptas do conceito de patriarcado, as fanáticas pelo de gênero e as que trabalham, considerando a história como processo, admitindo a utilização do conceito de gênero para toda a história, como categoria geral, e o conceito de patriarcado como categoria específica de determinado período, ou seja, para os seis ou sete milênios mais recentes da história da humanidade (LERNER, 1986; JOHNSON, 1997; SAFFIOTI, 2001". GÊNERO PATRIARCADO E VIOLÊNCIA, 2004, p. 45).

O mundo para a mulher é composto de dificuldades desde o nascimento, uma vez que, a vida dela já é pensada e programada para ser uma boa dona de casa, boa esposa e boa mãe. Desde a infância as mães já separam a sua criação e ensinamento para isso, diferente dos meninos, essas meninas já são ensinadas que a vida de uma mulher gira em torno do âmbito doméstico e do lar ensinadas e incentivadas para construir sua vida acadêmica e financeira sem dependerem de homens, como seus pais ou seus maridos. E ainda assim, quando são influenciadas pelo estudo e a vida acadêmica, ainda tem ensinamentos, que as mesmas precisam casar e construir um lar.

A hipótese mais convincente para justificar a divisão sexual do trabalho nas sociedades de caça e coleta parece ser a que se segue. Como não havia Nestlé, era obrigatório o aleitamento do bebê ao seio. Desta sorte, o trabalho feminino era realizado com a mulher carregando seu bebê amarrado ao peito ou às costas. Os bebês eram, assim, aleitados facilmente toda vez que sentissem fome. Como bebê não fala, sua maneira de expressar suas necessidades é o choro. Daí vem a sabedoria popular, inclusive em sentido figurado, dizendo: "quem não chora não mama". Presuma-se que às mulheres fosse atribuída a tarefa da caça. O menor sussurro do bebê espantaria o animal destinado à morte e as caçadoras voltariam, invariavelmente, para seu grupo, sem nenhum alimento. Já as plantas, desde as raízes, passando pelas folhas e chegando aos frutos, permanecem imperturbáveis ouvindo o choro das crianças. (SAFFIOTI, 2004, p. 61).

Os homens ainda, conseguem construir suas famílias em cima de um patriarcado, exercendo um poder de dominação sobre sua esposa, que por mais, que ela possa sair ou

exercer suas vontades as mesmas ainda, estão presas as crenças que para ser uma boa esposa ela sempre vai precisar ser submissa às ordens do seu esposo e que é necessário sempre pensar em seu casamento em primeiro lugar, mesmo que isso custe sua liberdade.

Saffioti (2004) chama atenção para uma separação equivocada que é feita, diferenciando “mulheres femininas” de “mulheres feministas”, nossa sociedade cria vários tabus sobre as mulheres e uma mulher feminista não é considerada uma como uma feminina que ela impõe.

[...] a maioria das brasileiras pode ser enquadrada na categoria conservadoras, ainda separando mulheres femininas de mulheres feministas, como se estas qualidades fossem mutuamente exclusivas. Isto dificulta a disseminação das teses feministas, cujo conteúdo pode ser resumido em igualdade social para ambas as categorias de sexo. (SAFFIOTI, 2004, p.46).

Essas mulheres já vêm de família estruturadas com esse patriarcado e muito conservadoras, elas não tiveram um incentivo para estudar ou por mais que tiveram oportunidade, sempre estão procurando uma razão cultural, pois foram ensinadas por mulheres e homens que mulher tinha que casar cedo e construir sua família e ser uma boa dona de casa.

A divisão sexual do trabalho dá significado às práticas de trabalho no interior de cada uma de suas esferas. No campo produtivo, há uma concepção sobre o que é o trabalho de homens e o trabalho de mulheres e há uma divisão de tarefas correspondente. Essa divisão incide também sobre o valor do trabalho dos homens e das mulheres, expresso no valor diferenciado e desigual de salários. Além disso, no trabalho produtivo há uma captura das habilidades desenvolvidas no trabalho doméstico que, dessa forma, além de ser apropriado como uma forma de exploração do trabalho das mulheres pode funcionar também como um meio de reafirmar a naturalização dessas habilidades como algo inerente à concepção de um ser feminino e como justificativa da desigualdade salarial. A divisão sexual do trabalho também aparece no interior da esfera do trabalho reprodutivo através da distribuição desigual de trabalho entre mulheres e homens e de uma diferenciação de tarefas. (ÁVILA, MARIA BETÂNIA, FERREIRA, VERÔNICA, 2014, p.18).

O patriarcado incentiva e normaliza o homem ser a base principal de uma família, e a mulher sempre em segundo plano, como se a família não dependesse dos dois como um equilíbrio para formar essa base.

Para tanto, isso não deve ser normalizado, muito menos romantizado por mulheres, pois as mulheres precisam de seus direitos, de opinar por suas vontades, pois todos os dias, mulheres sofrem violências, abusos e até são mortas pelos seus companheiros e ex-companheiros. É como Saffioti, 2004 cita em um trecho do seu livro *Gênero, Patriarcado e Violência* “A vítima é transformada rapidamente em ré, procedimento este que consegue, muitas vezes, absolver o verdadeiro réu” onde a mulher será a culpada daquele ato de

violência, pois foi ela quem procurou e provocou aquele homem e ele só revidou com uma defesa.

A vida de uma mulher parece tão pequena e irrelevante perante a uma sociedade machista que fecha os olhos para um ato de crueldade em nome de uma “honra limpa”. Muitas mulheres já foram mortas com a justificativa da defesa da honra masculina, que coloca a vida e a imagem do homem acima das escolhas e da vida da mulher, como se a mesma não tivesse direito de escolha, principalmente de se relacionar com outras pessoas.

Em 07 de agosto de 2006, foi sancionada pelo Senado e aprovada pelo Art.5º da Lei n. 11.340/2006 que para efeito desta lei a configuração de violência doméstica e familiar contra uma mulher ou omissão baseada no gênero que lhe cause a morte ou qualquer lesão, sofrimento físico, psicológico ou sexual e danos morais ou patrimoniais contra mulheres. Esta lei recebeu, esse nome por causa da cearense “Maria da Penha Maia Fernandes”, que teve duas tentativas de assassinato por parte do seu marido e ficou tetraplégica em 1983.

Nesta época, o Estado lhe concedeu uma indenização e proteção sobre seu caso, no entanto, seu marido continuou solto e só foi preso apenas 19 anos depois faltando pouco para a prescrição do crime. Em 2002, ele foi preso ficando apenas 2 anos na cadeia e até hoje está solto enquanto a Maria da Penha se encontra em cadeia de rodas, tendo sua vida limitada. (Constituição Federal, Brasil, 2006).

Desde os anos 1970, um movimento de feminista brasileiras iniciou uma organização para denunciar violências cometidas contra mulheres (violência contra prisioneiras políticas, violência contra mulheres negras, violência doméstica, etc.).

Já nos anos 1980, aumentou a mobilização frente a absolvição de homens que haviam assassinado as esposas alegando “legítima defesa da honra”. (Constituição Federal, Brasil, 2006).

Um dos méritos propostos pela Lei Maria da Penha é o do trabalho articulado entre as esferas de governo e a sociedade civil. Somente este trabalho articulado em Rede, com ampla participação cidadã, poderá propiciar não só a assistência adequada para as vítimas, como também uma reflexão por parte da sociedade sobre que tipo de relações entre homens e mulheres deseja consolidar. “Instituto Maria da Penha”.

A lei Maria da Penha foi uma grande conquista das mulheres depois de muitas lutas, mas ela ainda não é o suficiente, pois todos os dias mulheres morrem, são espancadas e

sofrem abusos tanto sexuais como psicológicos em nome de um amor doentio e possessivo sendo que uma mulher não é propriedade de nem um homem. Saffioti (2004), cita “esta lei precisa ser ensinada e praticada todos os dias pela sociedade, pois a mulher tem o direito de ir e vir com segurança”.

[...] a Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano de jure. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. (SAFFIOTI, 2004, p.46).

As mulheres já sofreram tanto preconceito de desigualdade, no entanto, na área política foi um dos seus maiores desafios, pois por muito tempo as mulheres não podiam nem votar, muito menos ser aceita e apoiada na carreira da política onde só havia homens no seu comando.

Os maiores argumentos machista é que a política não é coisa de mulher estar envolvida, apenas os homens poderiam exercer sua cidadania e o que seria melhor para seu país na hora da votação.

Com base nos dados do IBGE (2020), o número de mulheres entre os vereadores é de 16,0% comparado aos homens e a cidade do Rio de Janeiro é a que tem a menor porcentagem com apenas 9,8%. O Rio Grande do Norte tem a maior ocupação, com 21,8% das mulheres exercendo esse cargo. As mulheres ainda são a minoria a ocupar uma cadeira no senado e até mesmo em uma câmara de vereadores.

Essa é uma triste realidade, pois, até hoje as mulheres são menosprezadas, perseguidas e ameaçadas por entrar na política, muitos homens veem a presença feminina na política como uma forma de ameaça, que a mulher vai roubar seu direito já que ela vai exercer os mesmos direitos assim como eles. A mulher na política sempre vai lutar pelo direito de igualdade da mulher tanto de salário, como de trabalho que não são priorizadas por muitos homens.

O cargo de gerência também não é muito ocupado por mulheres, a sociedade ainda rotula uma mulher como sexo frágil para exercer um cargo de chefe ou gerência de empresa, segundo o IBGE em 2020 a porcentagem de mulheres a frente de gerência em destaque por todo o país apenas 37,4% das mulheres exerce esse cargo, enquanto que na população masculina são 62,6% dos homens ocupam esse tipo de cargo. Mas isso não é porque as mulheres não são capazes de exercer esse tipo de cargo, é porque as mulheres têm menos oportunidades, pois capacidade elas sempre têm.

3.2 Trabalho produtivo e trabalho reprodutivo: apreendendo as faces do trabalho das mulheres

As mulheres são alvo de desvalorização tanto no campo profissional como no campo da educação e muitas vezes sem direito algum perante a sociedade machista. Alvo de muitos preconceitos, ao nascer já havia um destino traçado a elas que é o papel de ser dona de casa, mãe de família, sempre conhecidas como filha de “alguém” e ao casar-se como esposa de “alguém”, como um objeto. As mulheres sempre foram vistas de certa forma como um tipo de mercadoria, ou seja, criadas numa cultura completamente preconceituosa que infelizmente ainda é vista como normal.

Elas eram criadas sem uma identidade própria a ser seguida, e sempre com uma figura masculina ou um “dono”, como muitos consideram. A vida da mulher sempre foi forjada por lutas e conquistas ao longo do tempo, várias delas marcadas por mortes e violência.

As mulheres sempre tiveram uma rotina mais pesada que os homens, pois muitas vezes elas acordam mais cedo que eles para começarem sua rotina de trabalho intensa. As autoras Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira citam em seu livro “trabalho remunerado e trabalho doméstico” abordam que essa “divisão de trabalho se deu antes do capitalismo, de forma que a divisão do trabalho entre homens e mulheres se dá entre a divisão marcada entre produção e reprodução, pois essa se expressa nesse sistema que está diretamente relacionada à formação social capitalista” que até hoje depois de muitas mudanças ainda permanece sendo praticada

A separação espaço/tempo entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo se faz no processo de construção da vida social no sistema capitalista a partir da qual se estrutura a divisão sexual do trabalho, elemento central na constituição das relações sociais de sexo/gênero, que ‘é modulada historicamente e societalmente’ (KERGOAT, 2001 p. 36). (SAFFIOTI, 2004, p.14).

O trabalho feminino, sempre foi algo tão desvalorizado que foi dividido entre gênero, as mulheres ficam com o trabalho reprodutivo que é o trabalho de casa, do cotidiano da família e com a reprodução, enquanto o homem fica com o trabalho produtivo, que é remunerado.

O trabalho feminino chega a ser negado até mesmo pela sociedade, pois as mulheres têm como obrigação ajudar seus pais ou seu esposo e isso não é considerado um trabalho, por isso, não precisa de remuneração. Ávila e Ferreira (2014, p.15) falam que a base por seus direitos: de igualdade “a reestruturação do conceito de trabalho para alcançar as duas esferas é parte de um processo político e de uma prática de produção do conhecimento que se constroem a partir do movimento feminista”.

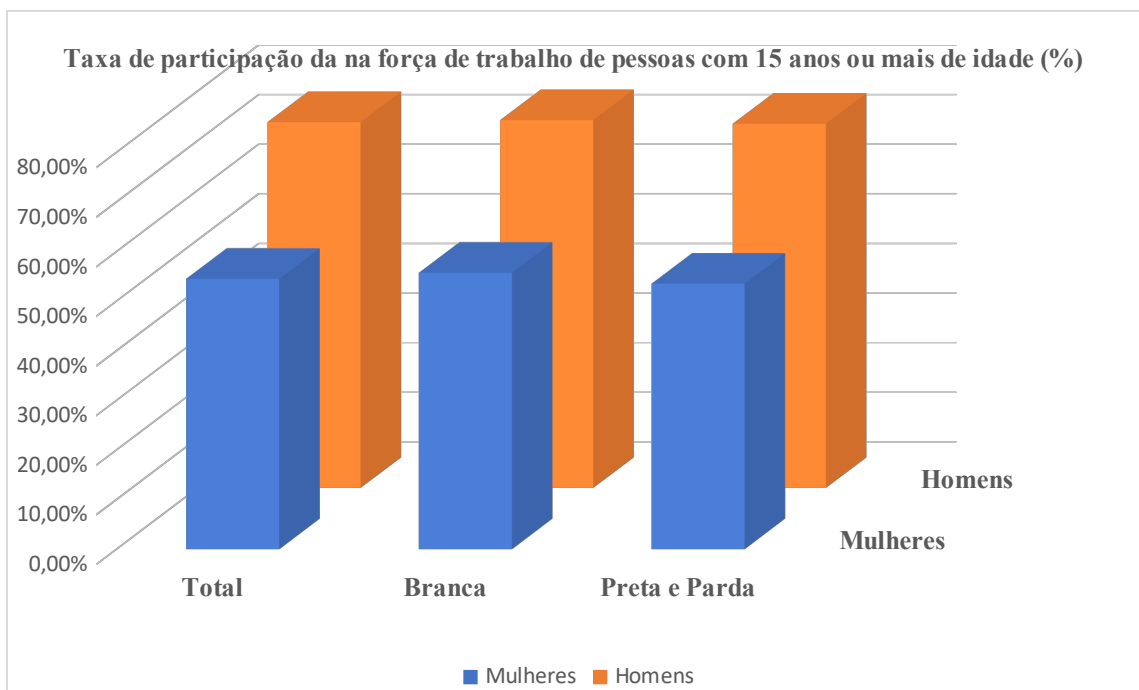
A divisão sexual do trabalho está associada de maneira inextricável a uma outra configuração que se expressa em termos de relações que associam homens/produção/esfera pública e mulheres/reprodução/espço privado, conferindo a essas associações, dentro do mesmo princípio hierárquico, uma qualificação da primeira como sendo da ordem da cultura e da segunda como sendo da ordem da natureza. Segundo HIRATA (1986), a divisão sexual do trabalho tem uma consequência importante, na reprodução ampliada das diferentes instituições sociais. (SAFFIOTI, 2004, p.14).

Para a mulher camponesa ainda é mais difícil essa realidade, segundo Perrot, “Por muito tempo as mulheres foram camponesas, ligadas ao trabalho rural; no período que precede a Segunda Guerra Mundial, na França, era essa condição de quase metade das mulheres”. E no Brasil não era diferente esses dados, pois naquela época a agricultura familiar era uma das poucas coisas que as mulheres podiam praticar e que até hoje é usada como profissão por mulheres que não tiveram um acesso à educação e uma profissão definida.

Durante muito tempo as mulheres só tinham na carteira de trabalho a profissão de agricultora, pois não tinham estudo para ter outra profissão e dona de casa não era profissão, era obrigação da mulher. Já era adicionado na carteira desde cedo, para conseguir a aposentadoria quando chegar a idade. Hoje elas já conseguem ter uma formação na área desejada, ter a carteira assinada e todos seus direitos como conforme a lei. Porém ainda é preciso avançar, pois as mulheres continuam sendo a minoria da força de trabalho principalmente as pretas e pardas como mostra o gráfico abaixo.

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era de ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível. Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, artesanato, na feira ou na loja. (MICHELLE PERROT, 2007, p. 109).

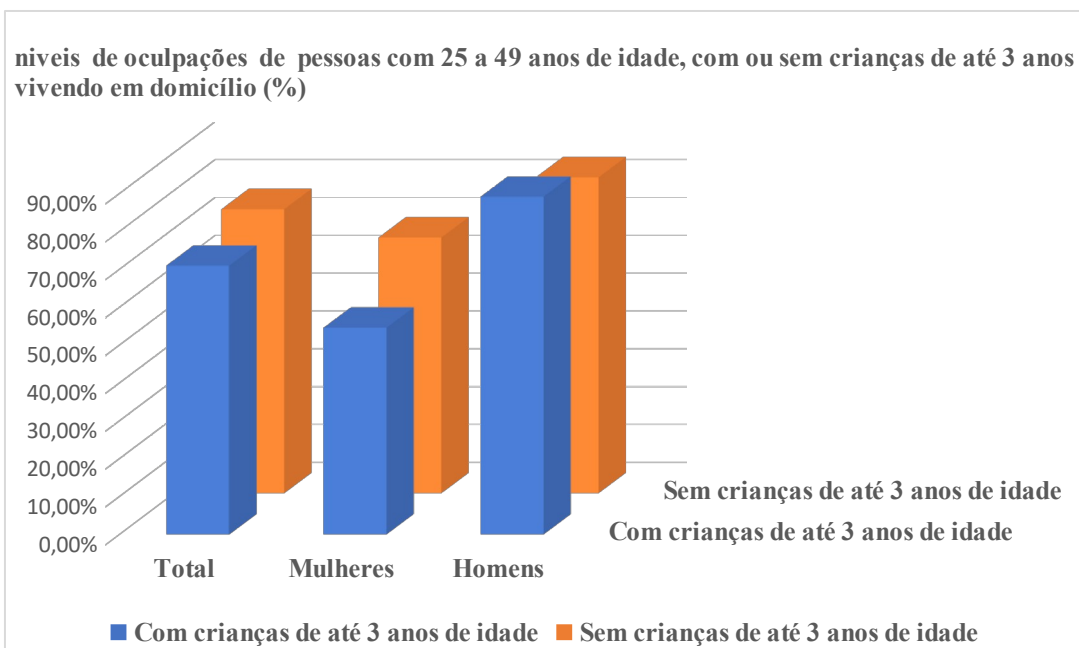
Gráfico Taxas de participação da força de trabalho de pessoas com mais de 15 anos



Fonte: IBGE, pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Esses dados, do IBGE expressam a desigualdade de gênero, desde cedo as mulheres já sofrem com essa desvalorização no mercado de trabalho e a taxa diminui ainda mais para mulheres pretas e pardas, que têm menos chances no mercado de trabalho. Essas pesquisas realizadas em 2019, nos mostram taxas muito baixas da participação de mulheres com 15 anos ou mais.

Gráfico Níveis de ocupações de pessoas com 25 a 49 anos de idade com ou sem criança de até 3 anos vivendo em domicílio



Fonte: IBGE, pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Continua 2019

O patriarcado é algo tão sério e tão antigo que durante muitos séculos foi considerado como verdade e lei a ser seguido, influenciou e continua ditando regras em muitas cabeças desde que o mundo é mundo. As menores remunerações e maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho não podem ser atribuídas à falta de educação e sim à falta de oportunidade. Pelo contrário, os dados disponíveis apontam que as mulheres brasileiras são em média mais instruídas que os homens (IBGE, 2018 p. 05).

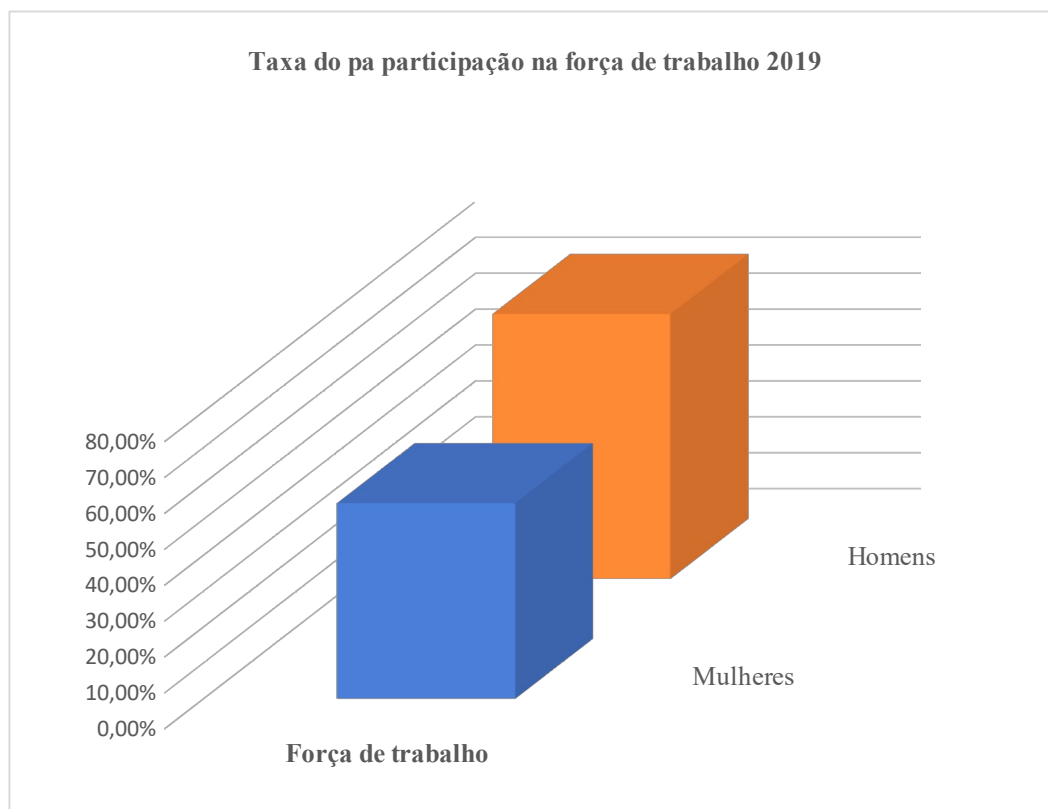
As lutas por igualdade social entre homens e mulheres vem crescendo cada vez mais e, principalmente, depois das últimas décadas que o empoderamento feminino vem ganhando vez e voz diante de uma sociedade limitada, as mulheres querem se empoderar e ir em busca de novos sonhos e escrever sua própria história sem precisar de um homem por trás.

Esse mundo rural, cujo pilar é o casal, é muito hierarquizado: entre os sexos (ele é o senhor); entre as mulheres. A dona de casa reina sobre a família e os agregados. Ela toma de conta das filhas, preocupada com seus namorados e seu enxoval, modo de transmissão privilegiado entre mãe e filha”. (PERROT, 2007, p. 111).

O machismo está tão estruturado e enraizado que as próprias mulheres crescem praticando sem saber o que realmente está acontecendo, principalmente as mulheres camponesas, que muitas vezes crescem isoladas sem informação como é o mundo fora do

campo. No gráfico abaixo podemos observar que a força de trabalho feminina em 2019 é menos ocupada pelas mulheres do que pelos homens.

Gráfico Taxa de participação na força de trabalho 2019



Fonte: IBGE, Estatísticas de Gênero Indicadores Sociais das mulheres no Brasil 2ª edição

Indicadores tradicionais de monitoramento do mercado de trabalho desagregados por sexo revelam desigualdades expressivas entre homens e mulheres. A Taxa de participação (CMIG 3), que tem como objetivo medir a parcela da população em idade de trabalhar (PIT) que está na força de trabalho, ou seja, trabalhando ou procurando trabalho e disponível para trabalhar, aponta a maior dificuldade de inserção das mulheres no mercado de trabalho. (IBGE, 2018, p. 02).

De acordo com o IBGE, ainda podemos ver que em pleno século XXI nossa sociedade atua com uma divisão de trabalho feminino bem inferior à masculina, é a desigualdade que não nos dá as mesmas chances de escolhas, é o preconceito, é o desrespeito com a classe feminina que torna esses dados reais.

4 PASSADO E PRESENTE DAS MULHERES DE OLHO D'ÁGUA DO CASADO: TRABALHO, EDUCAÇÃO E AS LUTAS DIÁRIAS CONTRA O PATRIARCADO

As camponesas sempre foram exemplo de garra, luta e superação para o sertão, pois elas mesmo com todas as dificuldades e diferenças sempre buscaram superar suas limitações. Essas mulheres sempre trabalhavam com a agricultura, junto com sua família desde o plantio que ocorria no mês de abril para maio até a colheita que acontecia de agosto para setembro.

Para tanto, nos outros períodos elas sempre trabalhavam nas casas de farinhas e no cultivo do algodão para conseguir sustentar sua família e nunca o estudo era uma opção em suas vidas. Era um trabalho bastante duro e pouco remunerado. Esse trabalho começava ainda na infância e acompanhava ela a vida toda e era assim que essas mulheres viam as avós e mães, a vida toda em seus trabalhos no campo.

Hoje, essas mulheres mais novas não querem esse futuro para suas vidas, elas querem trabalhar em uma profissão escolhida e ser bem remunerada e respeitada pelo seu trabalho e por ser mulher.

Na realização desta pesquisa, foram entrevistadas 17 mulheres com idade entre 18 a 87 anos com histórias de vidas semelhantes e de povoados diferentes. Nessas entrevistas analisamos as histórias das mulheres mais velhas das comunidades e todas as suas oportunidades que tiveram como camponesas, longe das cidades e das oportunidades de crescerem como pessoas independente.

Assim, com essas entrevistas buscamos compreender cada história de vida e cada luta dessas mulheres e, principalmente, das mais jovens: o que levou cada uma delas a ir à luta em busca de seus direitos, a realização de seus sonhos e as principais dificuldades enfrentadas na conquista desse sonho.

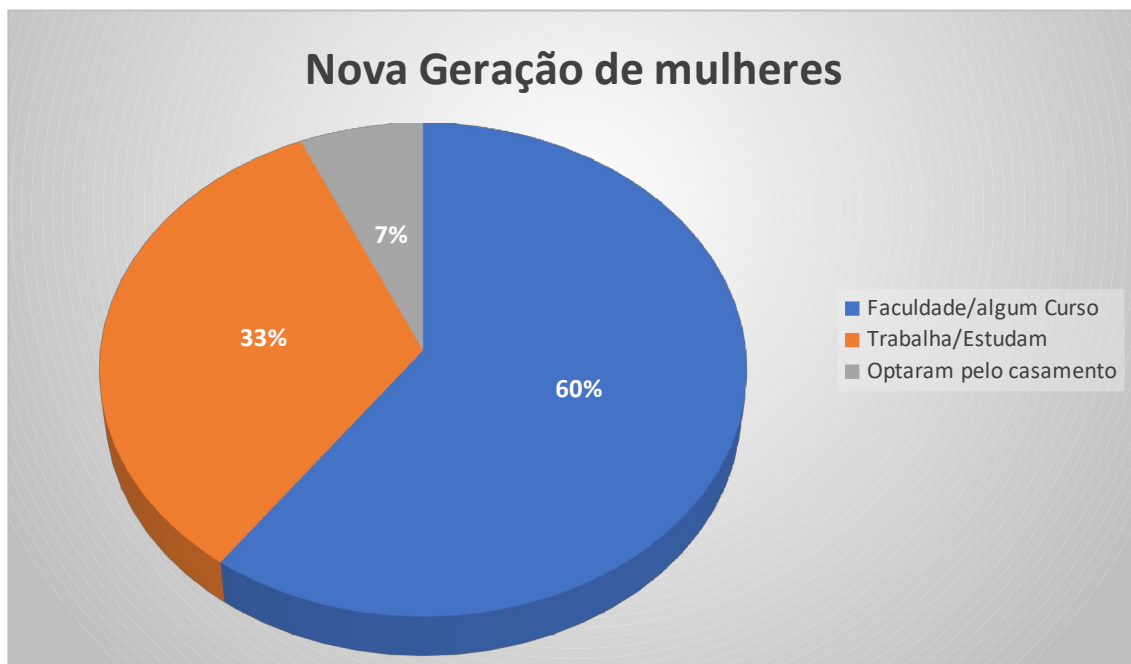
Hoje, por mais que as mulheres ainda enfrentem dificuldades e preconceito elas estão correndo em busca de um novo futuro, para elas e também para seus filhos. Cada vez mais essas mulheres estão deixando o casamento de lado e a maternidade para mais tarde e estão buscando uma formação melhor para o seu futuro. Hoje também, já podemos ver a participação paterna no incentivo para essas mulheres estudarem.

Nas três comunidades onde foi realizada as pesquisas são poucas as mulheres da nova geração sem alguma qualificação, em torno de 90% dessas mulheres após o Ensino Médio

fizeram algum curso de especialização ou curso técnico em alguma área. Cerca de 50% trabalham e estudam ao mesmo tempo, e 10% optaram pelo casamento cedo.

Elas estão lutando por um futuro diferente das suas mães e avós, elas não querem mais trabalhar no campo e sim uma área de atuação e por isso que muitas delas foram embora para cidade em busca de uma faculdade e trabalho para os seus crescimentos.

Gráfico Nova geração de mulheres



Fonte: O autor

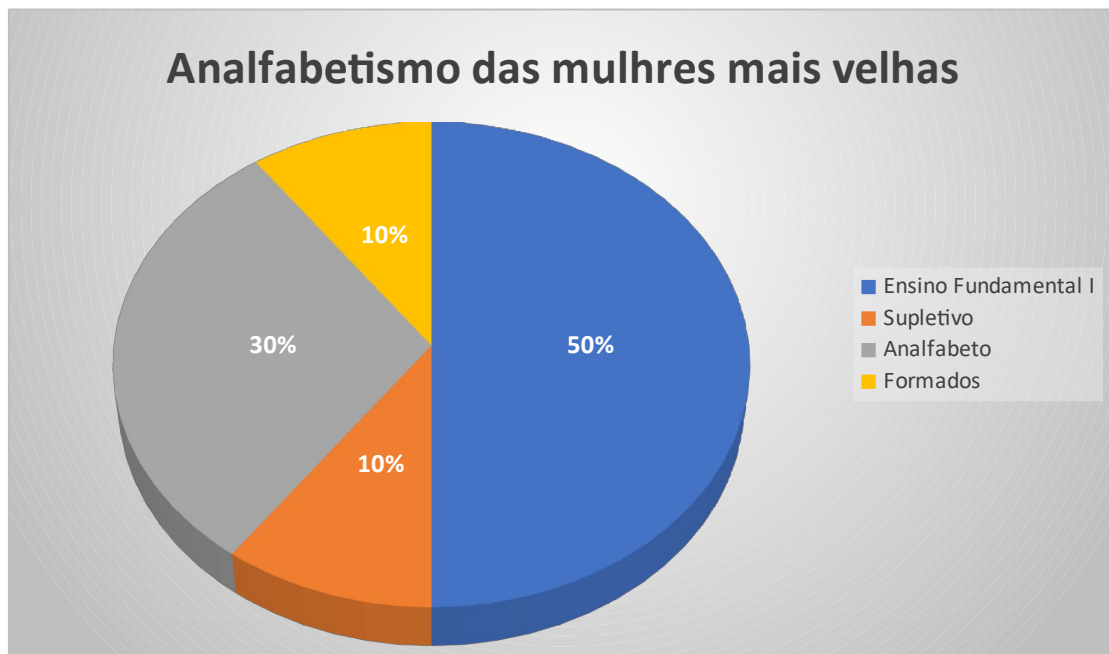
4.1 Os impactos do patriarcado na vida privada e no acesso à educação e ao trabalho

As mulheres com a faixa etária de 42 a 87 anos de idade apresentam uma baixa escolaridade, em torno de 50% dessas mulheres estudaram até o Ensino Fundamental I e sabem apenas assinar seu nome com muita dificuldade e ler pequenos textos, 10% fizeram até o Ensino Médio por meio de uma prova chamada (supletivo) que aprovava com apenas 3 meses de estudo e uma prova feita ao final do curso e 30% dessas mulheres são completamente analfabetas que nem sabem escrever o próprio nome, e 10% dessas mulheres tem uma formação.

Essa ainda é uma porcentagem alta em nossa sociedade, mas são dados reais vividos pelas mulheres camponesas. E essas mulheres que conseguiram terminar acabavam não

aprendendo muita coisa nesse pequeno espaço de tempo, mas já era uma grande conquista terminar até o Ensino Médio.

Gráfico Analfabetismo das mulheres mais velhas



Fonte: O autor

Aparecida, 87 anos, é uma das moradoras mais velhas dessas comunidades, ela é uma senhora que tem grande importância histórica, pois ela foi uma das primeiras que chegou na região.

Aparecida relata em sua entrevista que sofreu muito em sua infância com seus pais, pois ela “Não podia fazer nada nem fazer as unhas pois era pecado e coisa de mulher sem valor”. (Aparecida, 87 anos, 2021), ela casou muito nova pois engravidou e foi expulsa de casa pelo seu pai e obrigada a casar, assim ela mudou para a comunidade vindo morar com seu marido. Ela ainda na adolescência, de 17 pra 18 anos de idade, sem experiência na vida, pois não tinha liberdade de sair.

O pai de Aparecida vendeu todas suas terras e foi embora para o Estado de São Paulo com toda sua família, com vergonha do que a filha tinha feito. Nessa época uma moça casar grávida era uma tragédia para a família, se o rapaz não quisesse assumir e casar o pai da menina mandava matar como forma de limpar a honra perdida da filha, então foi o que aconteceu com Aparecida.

Fui obrigada a casar pelo meu pai porque estava grávida, meu pai teve tanto desgosto de mim como filha. Ele com vergonha foi embora para São Paulo com

minha mãe e irmãs e fiquei sozinha aqui foi muito triste, pois não tinha ninguém por mim (APARECIDA, 87 ANOS, 2021).

Ela sofria agressões até quando estava grávida e suas filhas também “Enquanto eu trabalhava na roça grávida nos dias de ter a criança ele estava com a amante se divertido”. Ela relata em sua entrevista que foi uma vida triste que as mulheres de hoje têm sorte, pois tem todos os dias o poder de escolher o que ela não teve.

Aparecida (2021) “eu nunca tive a oportunidade de estudar, meu pai nunca deixou, também não poderia sair de casa sem eles, nem fazer nada do que as mulheres fazem hoje”. Naquela época era muito difícil a vida das mulheres.

Levei uma surra da minha mãe por que fui na casa de uma colega minha e pintei minhas unhas para ir numa festa, ao chegar em casa minha mãe viu e acabei apanhando por isso”. (APARECIDA, 87 ANOS, 2021).

Nas entrevistas, todas as mulheres relatam a falta de oportunidade que passaram, que viviam uma vida de isolamento e sem o poder de escolha que eram poucas as que dentro de casa eram tratadas de igual para igual com seus irmãos homens.

Ao questionar se elas apoiam as filhas a ir em busca de seus direitos, todas elas responderam que as incentivam e buscam nos sonhos realizados das filhas os seus que não tiveram como realizarem.

A entrevistada Marta, 53 anos, (2021) é mãe de três mulheres dessas comunidades que decidiram mudar seu futuro e saíram em luta por uma vida melhor, ela fala que dá total apoio às filhas para elas conquistarem seus objetivos.

Sempre incentivei minhas filhas ao estudo, pois eu nunca tive essa oportunidade e quero que elas conquistem tudo aquilo que não pude e já que não tenho dinheiro para oferecer tenho que dá estudo. (MARTA, 53 ANOS, 2021).

Marta estudou apenas o 4º do Ensino Fundamental I, apenas sabendo assinar seu nome com dificuldades e ler pouco, pois ela até teve oportunidade de estudo mais era na casa da tia que morava na cidade de Olho d'Água Casado-AL, essa tia queria fazê-la de empregada como condição de estudo, mas ela não aceitou a proposta e voltou a morar com seus pais no campo.

Ela casou aos 25 anos, um pouco mais velha e já era considerada uma moça encalhada que não iria casar mais, ela casou grávida de gêmeas e relata que seu casamento no começo foi difícil, mas hoje é tranquilo que o marido é um homem ignorante, sem estudo, mas é um ótimo pai para as filhas. Marta não se arrepende do casamento foi uma escolha sua, mesmo

estando grávida, mas se tivesse as mesmas oportunidades das filhas não queria casar. Ela lamenta a oportunidade perdida com os estudos: "morar na casa dos outros é difícil ainda por cima quando o outro quer se aproveitar do seu trabalho". Ela é casada, mora com seu marido de 49 anos de idade e um neto de 3 anos, seu marido é agricultor e sobrevivem da plantação e venda de leite.

Maria, 47 anos, é revoltada até hoje com o tipo de criação que recebeu do seus pais, ela relata que seu pai era muito ignorante e rígido com seus filhos e principalmente com as mulheres, nunca teve oportunidade de estudar na infância.

Ela decidiu casar-se aos 18 anos para liberta-se do regime autoritário do pai, ela teve 4 filhos, dois homens e duas mulheres, onde deu o mesmo tipo de criação para todos, só após ter seus filhos e com muita força de vontade conseguiu estudar até o 3º ano do Ensino Médio através do supletivo. O esposo dela é concursado como vigilante no município de Piranhas-AL e também agricultor.

Maria relata que depois de casada começou a trabalhar fora de casa, "eu era merendeira em uma creche e realizei meu sonho em ter minha independência financeira" e é por isso que ela incentiva as suas filhas a ir em busca de um futuro diferente do que teve.

As outras mulheres se casam porque queriam construir uma família, mas as filhas de papai se casam para ter uma vida melhor, já que nunca tivemos o direito de sair e se divertir, nossa vida era uma tristeza. (MARIA, 47 ANOS, 2021).

Em entrevista, a moradora Joana ,45 anos, relata ter se casado ainda na adolescência, aos 15 anos, e que para ela o casamento foi uma libertação, pois com seus pais ela não tinha liberdade para nada. Semianalfabeta, Joana fala que a vida de solteira dela era uma prisão, que não podia sair com amigas nem estudar, então ela enxergou no casamento uma oportunidade de libertação para seu futuro, mesmo sendo uma menina nova ela pensava em crescer. Ainda aos 15 anos Joana engravidou, teve sua primeira filha muito nova e não teve mais como estudar.

Em seu relato, Joana afirma que se tivesse uma oportunidade melhor não teria casado tão nova, teria aproveitado para estudar e viver sua vida melhor e casar só mais tarde com mas idade e outra cabeça, apesar que o casamento dela seja muito bom, que seu marido é um homem bom que nunca a traiu e é um ótimo pai, que apoia as filhas a construírem seus caminhos. O esposo de Joana sempre tratou ela muito bem e junto com ela trabalham na agricultura desde o seu casamento.

Minha vida e das minhas irmãs sempre foi sofrida, desde pequena fomos ensinadas a vida de dona de casa ajudando mamãe com todo trabalho doméstico e a cuidar de meus irmãos menores e também ajudava nosso pai e irmãos na roça e na criação de gado e ovelhas. (JOANA, 45 ANOS, 2021).

Geralmente o casamento dessas mulheres acontecia muito cedo, ainda na adolescência entre os 15 e 20 anos de idade, e muitas vezes os companheiros delas precisavam ter a autorização dos pais, pois precisavam ser um rapaz de boa família com condições financeiras boas. Quando essa menina ia se tornando moça as mães já começavam a montar seu enxoval para quando começar a namorar com pouco tempo casar e já ter tudo pronto.

Essas mulheres na maioria das vezes casavam com seu primeiro namorado, pois não poderia ficar trocando de namorado que não era bom para uma moça de família esse comportamento e se o namoro durasse muito tempo o pai dessa moça obrigava a casar ou a terminar.

Os pais de famílias eram muito rígidos com essas mulheres, e existia um tempo determinado para o casamento, com 3 meses de namoro já era pressionado o noivado para antes de um ano acontecer o casamento e se nesse tempo não ocorresse nada a menina era obrigada a terminar, pois uma moça de família não poderia namorar muito tempo. Esses jovens não tinham tempo de se conhecer bem, pois não tinham a privacidade nem de conversar. Esse foi o caso da Joana e das suas duas irmãs.

Já Helena, 42 anos, teve uma oportunidade diferente das outras moradoras e conseguiu estudar e a fazer uma graduação. Ela é professora e agricultora e nas horas livres também é confeitadeira, tudo ao mesmo tempo.

Helena relata que casou muito nova, aos 20 anos, e já dava aulas no lugar da sua mãe desde adolescente quando terminou o 4º do Ensino Fundamental, ela conseguiu terminar o Ensino Médio e concluir a faculdade de Pedagogia, ela trabalhou como professora contratada do município ganhando pouco e também como autônoma para essa conquista.

Helena tem 3 filhos, sua filha mais velha é estudante de História na UFAL e seus dois filhos ainda estão no Ensino Médio. “As dificuldades sempre existiram principalmente nas condições financeiras, mas sempre superei com muita garra e dedicação em tudo que faço”.

Meu casamento foi planejado e não interferiu em nada na minha formação pedagógica, meu esposo sempre deu total apoio e ajudou como pôde para essa conquista, mas se tivesse as mesmas oportunidades de hoje não teria casado tão cedo. (HELENA, 42 ANOS, 2021).

Hoje o mundo está mudando, as mulheres têm a oportunidade de estudar e trabalhar fora conquistar toda a sua independência financeira, na minha época quando

comecei a trabalhar e o meu salário que era tão pouco precisava entregar ao meu pai para ajudar o sustento da casa não tinha o poder de decidir o que eu queria fazer com ele. (HELENA, 42 ANOS, 2021).

O esposo de Helena sempre ajudou ela em seus estudos da faculdade e no que ela precisasse, ele trabalha como pedreiro informal junto com seu cunhado e também é agricultor para sustentar a família.

4.2 As resistências e as lutas contemporâneas contra o patriarcado e seus impactos

A vida no campo não é fácil e principalmente para as mulheres, elas são criadas com uma certa doutrina a ser seguida é como se a mulher nascesse com um manual a ser seguido.

As mulheres dessas comunidades tinham uma vida simples, e muito humilde e mesmo assim isso não impediu que elas tivessem a força de ir à luta. Nas comunidades de pesquisa a maioria dos moradores sobrevivem da agricultura e trabalham de maneira autônoma e dependendo do período chuvoso para ter sua principal renda, são poucos os que têm trabalho formal e mesmo assim é pela prefeitura. Mesmo com tantas dificuldades elas decidiram lutar e ir em busca de suas conquistas e de um futuro melhor.

Em 2010 a jovem Beatriz 29 anos, na época com apenas 19 anos, resolveu mudar seu destino e buscar novas conquistas para sua vida, “a necessidade de ter maiores oportunidades no mercado de trabalho, uma renda maior da que poderia ter no meu povoado e escolhas na área da educação”. Ela prestou vestibular na época e passou para Pedagogia na UFAL. Beatriz passou a morar em Delmiro, na casa de uma tia que acolheu ela para não vim todo dia do seu povoado, Letreiro, estudar. Ela lutou muito, pois era uma jovem do interior sem emprego e dependendo apenas dos seus pais.

Minha mãe teve menos oportunidades que eu, mas nunca desistiu de lutar pelos seus sonhos e me ensinou junto com meus irmãos a lutar pelos nossos o poder da luta. Com certeza a minha vida foi mais fácil que a dela e com oportunidades diferentes, mas a garra e a persistência herdei dela (BEATRIZ, 29 ANOS, 2021).

Em 2011 ela resolveu se casar e foi morar na cidade de Olho d'Água do Casado, na qual começou a trabalhar um horário como professora da Educação Infantil e estudar no outro, até o ano de 2013, quando voltou a morar no povoado Letreiro que ficou até o final de 2017 e resolveu voltar para Delmiro em busca de trabalho mais uma vez. Ela começou a trabalhar na rede municipal de ensino por contrato da prefeitura até o final de 2020, onde o atual prefeito perdeu e o contrato dela não foi renovado pela nova gestão, depois disso Beatriz resolveu trabalhar como artesã na confecção de acessórios para cabelos.

Minha independência é tão importante para mim que ao estar desempregada decidi fazer algo que gosto muito que é ser artesã, mesmo sendo um trabalho informal e ganhando bem abaixo do que ganhava antes ainda consigo arcar com algumas despesas das crianças, da casa, que necessito. (BEATRIZ, 29 ANOS, 2021).

Beatriz relata ao longo de sua entrevista que seus pais deram total apoio a ela para que ela tivesse uma formação hoje “minha mãe sempre fez de tudo para conseguir terminar os estudos e não queria que eu casasse tão cedo para aproveitar mais”, porém, era isso que ela queria naquele momento. Ela afirma que “meu casamento nunca impediu-me de estudar não, mas eu tinha muitas dificuldades, pois onde eu morava não tinha *internet*, meu computador não era de qualidade, sem falar no cansaço de desloca-se todos os dias de uma cidade para outra”.

Atualmente, a rotina dela é bem diferente de quando ensinava, Beatriz está trocando o dia pela noite, pois a noite seu esposo está em casa e ela pode fazer suas encomendas tranquilamente. Ela vai dormir em torno de 3h da manhã e acorda por volta das 11h dependendo do seu filho mais novo está dormindo.

Em 2012, quatro jovens amigas que acabaram de terminar o Ensino Médio e com muita vontade de estudar prestaram o ENEM e conseguiram uma boa nota para entrar na Universidade Federal de Alagoas-UFAL.

Dessas quatro jovens, uma casou e foi embora com seu marido e desistiu, outra engravidou e não conseguiu concluir a licenciatura em história, apenas as jovens Josefa 26 anos formada em Letras e a jovem Patrícia 29 anos formada em História conseguiram concluir a universidade.

A jovem Patrícia de 29 anos, formada em história pela UFAL, relata em sua entrevista que a vinda dela para Delmiro foi em busca de uma nova oportunidade que jamais iria ter no povoado onde morava “O principal motivo que me fez ir embora foi a busca por conhecimento, os estudos nos abrem portas, expande nossas oportunidades e te leva a lugares inesperados e nosso próprio autoconhecimento junto com o mercado de trabalho”.

Ela veio morar em Delmiro com seus dois irmãos que já tinham vindo morar na cidade em busca de emprego, e novas oportunidades. Patrícia sendo filha de uma merendeira e de um agricultor que também trabalha como motorista, dependia financeiramente deles para custear seus gastos na cidade, ela fez as inscrições e conseguiu uma bolsa de estudo (auxílio moradia) que na época era 200,00 que era com que ela sobrevivia já que na época da faculdade não

conseguiu emprego. “Minha família me apoiava em tudo e me incentivava a ir em busca de minhas escolhas” e ter sua independência financeira era tudo para ela.

Patrícia 29 é uma mulher solteira e sem planos para o casamento, ela afirma em sua entrevista que seu maior desejo é um concurso em sua área para ficar mais estabilizada financeiramente. Ela acorda às 04h30min da manhã para ir à academia que esse é o melhor horário ao chegar ela vai organizar a casa e fazer o almoço, a tarde ela vai trabalhar como professora e ao retornar ela vai organizar as aulas para o outro dia, de segunda a sexta essa é a rotina da Patrícia.

Infelizmente ainda não temos os mesmos direitos de igualdade, apesar de ter conquistado muita coisa temos um caminho a ser conquistado, em relação aos direitos que muitas vezes tem apenas no papel, por que ainda há um estigma e preconceito em cima das mulheres e as oportunidades ainda não são as mesmas em todos os âmbitos (PATRÍCIA, 29 ANOS, 2021).

Os preconceitos foram muitos na vida dela depois, após a sua formação ela conseguiu um emprego em sua área no município de Olho d’Água do Casado e trabalha até hoje com um contrato da prefeitura. Ela relata que essa foi uma das suas melhores conquistas para a sua realização como mulher e profissional. A mesma relata que “no trabalho nunca sofreu assédio, pois trabalho, mas com mulheres, bastante na faculdade por colegas de sala e também sofri preconceito por ser do campo”.

Eu queria uma vida diferente da minha mãe e da minha irmã que não tiveram a oportunidade de estudar, eu sempre sonhei com um diploma, não importava a formação, por isso na primeira oportunidade fui estudar. (PATRÍCIA, 29 ANOS, 2021).

Tem bastante diferença de minha vida para a minha mãe e a principal é o pensamento dela com relação ao meu, mas isso advém da forma que foi criada numa sociedade machista e tão fechada com relação às mulheres. O conhecimento liberta, sei que penso hoje advém também do meu conhecimento e da abertura para coisas novas, isso na época de minha mãe era privado (PATRÍCIA, 29 ANOS, 2021).

Sendo a filha mais nova de uma família de agricultores com 5 filhos, ela foi a única de todos os irmãos que conseguiu fazer uma faculdade e trabalhar em sua área de formação.

Josefa, 26 anos, trabalhava na agricultura junto com seus pais e irmãs na época do seu Ensino Médio e desde criança ela ajudava seus pais de manhã na roça para a tarde estudar. Ela veio estudar e morar com sua tia em Delmiro Gouveia-AL, que ajudou muito ela no seu tempo de estudante, Josefa como filha de agricultores que vive apenas da plantação agrícola e criação de gado e leite, nem sempre podiam ajudá-la com os estudos. Então ela foi em busca de uma bolsa estudantil (auxílio moradia) para conseguir manter seu sustento na cidade, na

época ela conseguiu uma bolsa de 200,00 reais que era o seu sustento para sobreviver e estudar.

As dificuldades foram muitas principalmente as financeiras, enquanto não conseguia a primeira bolsa para me ajudar minha tia, pois morava com ela e precisava ajudar nas contas de casa e também para tirar as xerox, roupas, calçados e alimentação já que minha família não tem emprego fixo e não podia me ajudar com muito. (JOSEFA, 26 ANOS, 2021.)

Vendo a situação que Josefa resolveu trabalhar e conseguir um emprego de professora no Jardim I, numa escola próximo a sua casa para não precisar da ajuda de seus pais para se manter até o final da faculdade. Hoje ela é formada em letras pela UFAL, é gerente de uma loja e está terminando um de técnico em Enfermagem, e ela relata que o ponta pé para ela sair do interior e vim em busca de novas oportunidade foi a universidade “e meus pais me deram total apoio para ir em busca dos meus sonhos”. Josefa “eu não sei o que seria de minha vida sem a UFAL, pois foi por ela que vim embora para Delmiro”.

No começo meu pai não queria deixar eu vim, mas ele percebeu minha vontade de estudar então deixou eu vim com a condição de morar com minha tia sobre a vigia dela e hoje ele percebe como essa decisão foi boa na minha vida, pois estou conquistando meu espaço e vivendo minhas lutas para o meu crescimento financeiro (JOSEFA, 26 ANOS, 2021).

Josefa tem uma vida bastante corrida, pois ela divide a vida dela com o curso de técnico em enfermagem, onde estuda alguns dias na semana, o trabalho que é diariamente e o cuidado com a casa nas horas livres. Segundo Josefa “quero uma vida diferente de minha mãe, ela tem uma vida boa, mas não tem estudo nem pôde realizar-se profissionalmente em alguma carreira”.

Enfrentei bastantes preconceitos por ser da zona rural, sempre era vista como uma pessoa sem futuro, como sem capacidade por ser pobre e do interior, mas também conquistei muitas amizades verdadeiras e boas oportunidades, embora que ainda estou longe dos meus objetivos (JOSEFA, 26 ANOS, 2021).

Carolina, 24 anos, antes de vim embora para Delmiro trabalhava com seus pais na agricultura, na criação de gado e também ajudava a avó, que já era uma senhora de idade e não poderia ficar sozinha, com a casa. No ano de 2015 a jovem Carolina estava a um ano já sem estudar para cuidar de sua mãe que tinha feito uma cirurgia e precisava de cuidados, ela resolveu buscar novas conquistas e veio para Delmiro também morar com sua tia estudar e trabalhar. Na época a jovem namorava e o namorado foi contra essa decisão, mas os pais de Carolina deram total apoio e não a deixaram desistir, ela começou no curso de história a noite para trabalhar durante o dia.

Meus maiores incentivadores foram meus pais, pois eles não deixaram que em momento algum eu desistisse dos meus sonhos e por mais que fosse difícil as condições financeiras eles deram um jeito de sustentar eu e minha duas irmãs em Delmiro até a gente conseguir estabeleceu-se financeiramente (CAROLINA, 24 ANOS, 2021).

A jovem conseguiu um emprego como professora, do Jardim II, numa escola de alfabetização e creche infantil. Carolina relata em sua entrevista como a vida dela está sendo diferente das jovens que decidiram interromper os estudos e continuar no povoado ou se casaram sem nem uma formação acadêmica. Hoje ela casou-se, passou a morar no município de Piranhas-AL, só está faltando a defesa do seu TCC para terminar seu curso de licenciatura plena em história, faz técnico em enfermagem e atualmente trabalha como agente de saúde onde passou em um concurso da prefeitura de Piranhas. Ela tem vários planos para sua vida e a maternidade no momento ainda não faz parte e ela não sabe se um dia vai fazer.

Sim enfrentei muitas dificuldades, era uma batalha a cada dia, principalmente a financeira, pois sou filha de agricultores sem renda fixa e dependendo deles para conseguir me manter em outra cidade (CAROLINA, 24 ANOS, 2021).

O preconceito com as mulheres ainda são muitos, principalmente com as mulheres do campo que muitas vezes não tem informação nem oportunidade e acabam vivendo a vida inteira do mesmo jeito. Carolina afirma, “eu enfrentei muitos preconceitos principalmente por ser pobre da zona rural”. Mas de um tempo pra cá as mulheres têm saído em busca de seus direitos e realizações de seus sonhos sejam eles por meio de estudos sejam por conta de trabalho o que importa é a suas lutas. Para Carolina, “com certeza depois que conquistei minha independência financeira minha vida mudou completamente”.

As diferenças entre eu e minha mãe foram tantas, mas a primeira e principal é a escolaridade que minha mãe não teve a oportunidade de estudar nem o apoio da sua família, o segundo é o modo de vida que era em sua época, e também as oportunidades que ela não teve assim como eu tive. (CAROLINA, 24 ANOS, 2021).

Carolina tem uma rotina muito corrida, pois ela acorda cedo para ir trabalhar como agente de saúde fazendo suas visitas de casa em casa e depois vai para o PSF, levar todos os seus relatórios para ser lançado, ao chegar em casa a tarde ela vai organizar a casa com o marido e fazer seus trabalhos do curso de técnico em enfermagem e continuar com seu TCC.

Mariane, 29 anos, trabalhava na agricultura com seus pais e irmãos desde a infância, ela começou a namorar aos 12 anos, com um primo, e casou-se com esse namorado em 2011, aos 19 anos de idade e muito imatura. Após seu casamento, seu marido não a deixou estudar e também não era a vontade dela no momento, após um ano de casamento eles foram morar no

Rio Grande do Norte, onde moraram por 3 anos e acabaram se separando por causa da traição do seu marido.

Ela acabou voltando para o seu povoado de origem e em 2015 Mariane, depois da frustração e separação em seu casamento, veio morar em Delmiro Gouveia-AL, em busca de uma vida melhor e de emprego já que em seu povoado não tinha, ela casou muito nova e só tinha feito até o 3º ano do Ensino Médio e não teve o interesse de continuar seus estudos, ela se arrepende bastante por essa escolha e pretende futuramente iniciar a faculdade de fisioterapia.

O meu casamento foi uma ilusão da minha cabeça, na época eu era uma menina muito nova e achava que ia ser feliz para sempre nesse casamento, foi aí onde pedi muito tempo da minha vida. Se naquele tempo o meu pensamento fosse o de hoje eu teria feito diferente e teria estudado primeiro. (MARIANE, 29 ANOS, 2021).

Mariane passou a morar em Delmiro Gouveia-AL com seus irmãos mais novos, que também já tinham vindo embora em busca de emprego. Ela começou a trabalhar como autônoma e vendedora em uma loja de roupas. Mariane afirma, “meu principal motivo de vim embora do sítio foi a busca por novas oportunidades de emprego já que no sítio não tem para garantir minha independência futuramente”.

Eu sempre busquei uma independência financeira para minha vida por isso ainda na adolescência já trabalhava como autônoma, mas na roça é muito difícil, lá não tem emprego e nem tão pouco emprego o único jeito é trabalhar na agricultura ou sacoleira vendendo de porta em porta (Mariane, 29 anos, 2021).

Hoje Mariane trabalha em uma farmácia no centro da cidade e como representante de jóias, ela planeja fazer sua faculdade de fisioterapia “eu quero voltar aos estudos e fazer minha faculdade ter uma profissão de verdade”. Ela também relata o apoio por parte dos pais para conseguir fazer a faculdade “minha mãe nunca teve a oportunidade de estudar, mas sempre sonhou em ver as filhas formadas principalmente na área da saúde”. Ela conheceu outro rapaz onde passou a morar junto com ele, e não tem planos para a maternidade, “sonhei muito em ser, mas o tempo passou e hoje não tenho mais essa vontade”.

Tenho muito orgulho de minha mãe principalmente pela família que ela construiu ao longo de sua vida, mas não quero um futuro desse para minha vida igual o dela. Quero meus estudos, quero ser dona do meu próprio destino (MARIANE, 29 ANOS, 2021).

A mãe de Mariane é agricultora e analfabeta apenas assina o próprio nome, ela não teve acesso a escola, pois os pais nunca a deixaram frequentar a escola junto com os irmãos, assinatura do nome ela conseguiu ao longo do tempo treinando em casa na depois de adulta. Ela casou-se ainda na adolescência, com apenas 15 anos de idade.

Manuela, 18 anos, que também ajudava seus pais na roça com o manejo da agricultura, veio para Delmiro morar com sua irmã Mariane e seus dois irmãos aos 15 anos para terminar seu Ensino Médio, pois no seu povoado não tinha como ela continuar estudando. Nesses povoados os alunos precisam deslocar-se até a cidade para estudar. A maioria das vezes em ônibus sem nem um conforto tornando-se muito cansativo para o estudante e no período do inverno por conta da lama os estudantes acabam perdendo aula por vários dias seguidos assim vindo a prejudicar seus estudos.

Uns dos principais motivos que me fez vim para Delmiro Gouveia-Al foi a busca de estudo, pois no meu povoado não tinha mais como continuar estudando, os transportes não tinham qualidade a gente saía de 11:00 da manhã para chegar à tarde na escola e com isso não tinha rendimento algum, sem falar no período de inverno que a lama atrapalhava e às vezes não tinha como a gente ir (MANUELA, 18 ANOS, 2021).

Manuela sempre foi uma menina bastante inteligente, com isso ela fez um pequeno teste (concurso temporário) para jovem aprendiz e ficou em 1º lugar, conseguindo um estágio remunerado mais todos direitos na Caixa Econômica Federal, onde ainda tem vínculos até hoje, pois foi afastada durante a pandemia e seu contrato vence no mês de fevereiro, que era quando ela terminava o Ensino Médio, mas por conta que estava grávida ela foi afastada do trabalho presencial e ficando apenas fazendo alguns testes.

Nossas escolhas sempre dependem de nós mesmas, então decidir nossa história de vida está em nossas mãos, mesmo com as oportunidades ainda diferentes das dos homens podemos lutar e ir em frente. Infelizmente o mundo ainda nos limitam muito como mulheres, seja em uma contratação ou em quantidade de vagas em um concurso para PM (polícia militar). (MANUELA, 18 ANOS, 2021).

Manuela finalizou o Ensino Médio em 2020 e fez o ENEM com finalidade de ingressar em uma faculdade. Segundo Manuela “minha mãe sempre incentivou-me a estudar, pois ela nunca teve a oportunidade de uma formação escolar, então ela sonha em ver os filhos formados” ela também relata ao longo de sua entrevista que “os preconceitos sempre foram muitos principalmente no trabalho, por ser do interior muitos desconfiados que eu não era capaz de exercer tal cargo”.

A vida da Manuela sempre foi corrida, pois está afastada da Caixa Econômica Federal por causa da pandemia, mas conseguiu um emprego em uma loja como vendedora para ter uma renda extra. Ela acorda às 6h da manhã para fazer o café e ajudar a irmã na casa, às 8h ela inicia seu trabalho, onde trabalha o dia todo e a noite está fazendo cursinhos para ajudar a ingressar em uma faculdade. Manuela aos 18 anos já é mãe e é uma das poucas mulheres que optaram primeiro pela maternidade ao invés da formação.

A jovem Carina, de 29 anos, concluiu seu Ensino Médio e já ingressou na faculdade, ela fez o vestibular em uma faculdade particular para pedagogia, onde passou e foi morar na cidade de Piranhas-AL. Carina relata, “primeiramente fui em busca do meu futuro acadêmico e de um futuro melhor e diferente de minha mãe” em sua entrevista ela relata que foi uma experiência muito boa e hoje não voltaria a morar com seus pais, “no começo foi um pouco difícil por não ter conhecimento de como era o mundo lá fora, passei por algumas dificuldades que serviu para o meu crescimento como mulher”.

Admiro muito a força e a história de vida de minha mãe, mas não quero uma vida assim não, primeiramente depender do pai e depois depender financeiramente do marido, embora que na época dela não teve a mesma oportunidade e incentivo que eu (CARINA, 29 ANOS, 2021).

Carina foi morar junto com seus 3 irmãos para ficar mais fácil seus estudos, ela sendo filha de agricultores acabou sendo um pouco difícil, logo após o início da sua faculdade ela também passou curso técnico de Agroindústria no IFAL- Pólo Piranhas. Carina conseguiu concluir os dois cursos ao mesmo tempo e voltou a morar com seus pais, só que no povoado ela não tinha oportunidade de emprego.

Decidi estudar para ter um futuro melhor que minha mãe, pois ela não teve a oportunidade de estudar e hoje eu tenho e faço isso por mim e por ela, pois ela foi quem deu o maior incentivo para que isso acontecesse. (CARINA, 29 ANOS, 2021).

Carina decidiu mudar-se para Delmiro para vim trabalhar, onde sofreu preconceitos por ser do sítio, "enfrentei várias indiretas no trabalho por ser da roça, como você não parece ser da roça como teve estudo lá? Como se o fato de ter vindo do interior anulava minha capacidade”. Ao chegar em Delmiro conseguiu um trabalho em uma contadora na cidade e decidiu ficar e ir em busca de coisas melhores em sua vida. As oportunidades ainda são poucas para a classe feminina e a mulher do interior ainda é pior, pois tratam como se esse fato fosse decisivo para a sua capacidade e não fosse capaz de exercer certas funções ou cargos.

Meus pais me dão total apoio sobre minhas decisões e me incentivam a lutar pelos meus sonhos, sejam financeiros ou de estudos. Hoje moro sozinha, sou solteira e eles não me pressionam ao casamento, pelo contrário eles sempre deixaram essa decisão em minhas mãos (CARINA, 29 ANOS, 2021).

Ela fala que morar sozinha tem suas vantagens e desvantagens, “pois as vezes precisamos de alguém para conversar ou estamos doentes e não tem ninguém por perto para comprar um remédio ou levar ao hospital”. Ela acorda às 7h da manhã para fazer o café e começa a trabalhar às 8h todos os dias, com essa rotina de segunda a sexta e ao chegar à noite vai fazer os afazeres domésticos e alguns dias na semana vai para a igreja.

Talita, 23 anos, é uma jovem filha de agricultores que sempre teve o incentivo de seus pais para estudar, ela sempre foi trabalhadora e fez de tudo para não depender deles financeiramente. Desde a adolescência ela começou a trabalhar fazendo unhas e adesivos para unhas, cabelo e maquiagem para conseguir sua independência. Segundo Talita, "as dificuldades foram muitas, principalmente estudar e trabalhar ao mesmo tempo". Logo após o Ensino Médio ela passou a morar com a tia, que morava na cidade e suas primas que também tinham vindo para estudar junto com ela.

Enxerguei em Delmiro o ponta pé para minhas conquistas, pois aqui poderia ter oportunidades diferentes das que tive em Olho d'Água do Casado. Gosto muito de morar lá, mas não tenho oportunidades de emprego, então vou continuar aqui e só vou lá para passeio e ver minha família. (TALITA, 23 ANOS, 2021).

Com apenas 23 anos, Talita é formada em Biomedicina e trabalha em um laboratório da cidade de Delmiro Gouveia-AL, ela visa a conquista financeira como um dos marcos principais que ela conquistou "a independência financeira depois de conquistada posso ter uma vida melhor".

Nossas oportunidades de escolhas ainda não são iguais aos homens, mas já avançamos bastantes com relação a isso. Nós mulheres ainda somos consideradas com sexo frágil e sem capacidade de realizar tais tarefas destinadas aos homens e nos restando apenas as tarefas domésticas (TALITA, 23 ANOS, 2021).

Talita fez o ENEM e conseguiu uma boa pontuação, decidiu usar o FIES para realizar seu sonho, com pouco tempo de estudo ela resolveu ir morar em Paulo Afonso-BA para facilitar seus estudos já que era lá sua faculdade e também foi trabalhar para ajudar seus pais, que deram total apoio para sua formação "relacionado a estudo e trabalho recebi total apoio dos meus pais".

Ela tem uma rotina de trabalho cansativo, mas afirma ser satisfatória, pois às 6h da manhã ela acorda para fazer o café que às 7h ela inicia no laboratório, no horário ela tem apenas 1:30 para não trabalhar aos sábados ela aumenta o horário de trabalho na semana. À tarde ela sai às 17h30min quando ocorre tudo certo ela vai para casa organizar a casa e o almoço para o outro dia.

Chego em casa esgotada tanto fisicamente como psicologicamente depois de um dia exaustivo de trabalho, mas é algo prazeroso que é meu trabalho fruto de minhas lutas e conquistas diárias. Fico muito feliz comigo, pois pode alcançar um futuro diferente do de muitas mulheres da minha idade (TALITA, 23 ANOS, 2021).

Em sua entrevista ela afirma que agradece aos pais por todo o esforço que eles fizeram por sua formação, "hoje meu destino é diferente do da minha mãe, pois ela não teve muitas oportunidades de estudo e trabalho para ela já foi destinado apenas o casamento" e eu já tive

“novas oportunidades de estudar, ter uma profissão, vida social mais aberta coisa que minha mãe não teve”.

Junto com Talita vinha suas duas primas, Stela de 24 anos e Sofia de 23 anos, que também trabalhava com ela no salão em Delmiro. Stela fez vestibular, passou e foi embora para Maceió cursar enfermagem e morar com seus primos que já moravam lá para estudar. Stela começou a fazer unhas e adesivos para ajudar seus pais a manter-se na capital estudando. Ela também fez algumas especializações para maquiagem e penteados de madrinhas e noivas e criou uma lojinha *on-line* de produtos de cuidados pessoais e maquiagem.

Enfrentei muitas dificuldades principalmente a financeira, pois estava em uma cidade diferente, com outros costumes e onde tudo era mais caro, então tive de me virar para ajudar meus pais a manter-me em Maceió e conseguir terminar meu curso (STELA, 24 ANOS, 2021).

Ela é filha de agricultores semianalfabetos que deram total apoio a ela e às irmãs para estudar e ter uma profissão, “minha mãe nunca teve a oportunidades de estudo e trabalho ela sempre foi dona de casa e mãe de família, sempre enxerguei ela nesse posto”.

Segundo Stela, “tive várias dificuldades junto com minhas irmãs para conseguir conquistar minha formação de enfermagem e hoje ser o que sou”. Ela formou-se recentemente e ainda não trabalha em sua área, só com o mundo da beleza e dos cosméticos. Stela afirma, “mesmo sem trabalhar fora minha vida está corrida com a finalização do curso normalmente eu não tenho uma rotina são apenas compromissos diários”.

Sofia, 23 anos, foi morar em Delmiro para finalizar o seu Ensino Médio, que no seu povoado estava enfrentando dificuldades com o transporte para chegar à escola. Ela passou a morar com sua tia, irmã e primas todas juntas, ao terminar o ensino médio ela fez o ENEM e depois o FIES e conseguiu uma boa nota para entrar no curso de Direito na antiga “FASETE (Faculdade Sete de Setembro)” em Paulo Afonso-BA, que hoje é a UNIRIOS (Centro Universitário do Rio São Francisco).

Enfrentei muitos desafios durante todo esse tempo que vim embora para Delmiro, pois não é fácil sair do interior e vim morar em outra cidade com a cara e a coragem apenas. É muito ruim morar longe dos seus pais e na casa de outra pessoa mesmo sendo parente (SOFIA, 23 ANOS, 2021).

Hoje Sofia ainda está finalizando seu curso, não vê a hora de terminar logo e exercer sua profissão. Para ajudar e não depender literalmente de seus pais ela começou a trabalhar com cabelos e unhas junto com sua irmã Stela e sua prima Talita.

Minha mãe foi meu maior incentivo para iniciar minha faculdade e ir em busca de uma vida diferente da que se eu tivesse continuado morando em Olho d'Água teria. Ela mesmo não tendo estudo me ensinou que o estudo abre qualquer porta para um futuro (SOFIA, 23 ANOS, 2021).

Ainda para Sofia, “Hoje em dia minha vida em comparação com a da minha mãe é muito diferente, pois na minha idade minha mãe já tinha eu e minha irmã, sem emprego e sem estudo dependendo apenas da agricultura” ela trabalha como gerente de uma loja para ajudar em seus estudos, é noiva do dono da loja que incentiva os seus esforços.

Ela acorda todo dia às 7h para ir trabalhar, passa a manhã toda na loja, volta ao meio dia para almoçar e a tarde volta ao trabalho até às 17h, que ela volta para casa ir pra faculdade até as 22h que é quando chega em casa. Aos finais de semana, Sofia tira para ir ver sua mãe em Olho d'Água do Casado e arrumar suas coisas.

Fabiana, 25 anos, desde sua infância ajudava seus pais na agricultura e também ajudava seu pai no transporte com estudante para a cidade de Olho d'Água. Fabiana sendo filha de agricultores analfabetos também decidiu ir à luta para conquistar seu lugar no mundo, ao terminar o Ensino Médio ela foi morar em Olho d'Água do Casado para trabalhar de babá de uma recém nascida para poder custear seu curso de técnico de Saúde bucal.

Meu maior sonho sempre foi minha conquista financeira, nunca tive a vontade de casar e ser mãe e nem vocação para isso, então com o incentivo dos meus pais fui em busca de minhas conquistas. Ainda não cheguei aonde eu quero chegar, mas um passo de cada vez (FABIANA, 25 ANOS, 2021).

Ela lutou muito e enfrentou bastantes dificuldades, principalmente por ser uma moça do interior, depois do trabalho de babá ela começou a trabalhar como frentista de posto de gasolina e trabalha até hoje. Fabiana relata que ainda não está onde deseja chegar, mas tem muito orgulho de suas lutas que se tivesse continuado no seu povoado não teria nem uma conquista e o caminho era apenas o casamento.

Enfrentei muitas dificuldades ao longo desse percurso, e o pior foi o preconceito do povo, o pior é o que vem de sua própria família quem deveria apoiar o seu crescimento. Muitas vezes meu pai brigava comigo por causa que sempre ia falar pra ele que eu fui morar sozinha, que era para namorar e viver de festas sendo que foi em busca de novas oportunidades (FABIANA, 25 ANOS, 2021).

Segundo Fabiana, “Minha história de vida é diferente da história da minha mãe, onde ela não teve a oportunidade de estudar e apenas consegue ler algumas palavras com dificuldades e escrever o próprio nome”, comparando as duas histórias já podemos observar o avanço ao longo do tempo. Mas também devemos levar em conta as mudanças e as lutas de conquista para tal avanço, na época da mãe de Fabiana não tinha nem energia que dirá a internet e todo esse meio digital que ela tem acesso hoje.

O cotidiano de Fabiana é corrido, principalmente por trabalhar em um posto de gasolina, ela acorda as 04h30min da manhã para preparar seu café e almoço ir levar para o trabalho, às 05h ela inicia sua rotina de trabalho e estendendo-se até as 23h isso um dia sim outro não todos os funcionários revezam os seus dias. Como se fosse um plantão no posto a cada dia trabalhado no outro ganha folga.

Muitos preconceitos machistas fizeram parte da minha vida, por trabalhar em um ambiente total masculino. Desses 5 anos que trabalho nesse posto sou a única mulher a trabalhar aqui e fui a primeira que eles contrataram, sempre tive bastante respeito do meu chefe e dos meus colegas de trabalho, agora já sofri assédio e discriminação por parte de clientes (FABIANA, 25 ANOS, 2021.)

Camila com apenas 20 anos de idade, filha de professora com agricultor, trabalhava na agricultura com eles e seu irmão desde sua infância, além da agricultura ela ajudava sua avó a cuidar de seus tios deficientes. Ao terminar o Ensino Médio, ainda menor de idade, decidiu vir morar em Delmiro com suas primas porque tinha passado em História pela UFAL e vinha estudar. Ao chegar à cidade, Camila conseguiu um trabalho como auxiliar de sala em uma escola particular, mas ela não conseguiu se adaptar a uma rotina muito pesada e decidiu apenas estudar e passou a morar com seu irmão, que também veio para Delmiro estudar. Ela fez uma seleção de bolsas pela universidade e conseguiu ser aprovada para ajudar ela com suas despesas.

Na verdade, eu sempre tive o sonho de ser veterinária, mas como meus pais nunca tiveram condições de pagar essa faculdade vim fazer história para ter uma formação e quem sabe futuramente posso realizar o meu sonho. (CAMILA, 20 ANOS, 2021).

Hoje em dia, nessas comunidades que foram feitas as pesquisas em torno de 90% das mulheres quando terminam o ensino médio estão saindo em busca de novas oportunidades de estudo e trabalho e com Camila não foi diferente. Segundo Camila, “o motivo que fez vim para Delmiro foi a procura de novos conhecimentos e futuramente ter uma profissão boa”, ele recebeu total apoio e incentivo dos seus para estudar.

Em minha concepção nós mulheres temos total escolhas sobre nosso futuro embora as oportunidades ainda estão longe de ser as mesmas, pois em muitos casos só o fato de sermos mulheres já nos rotulam com incapazes e frágeis (CAMILA, 20 ANOS, 2021).

A mãe de Camila é professora e trabalha pela prefeitura de Olho d'Água do Casado-AL na rede municipal de ensino básico e com isso sempre incentivou a filha ao estudo e ser independente “ser independente é o desejo de qualquer mulher e também o meu desejo não poderia ser diferente para isso venho lutando”.

Mesmo com minha sendo professora e tendo o acesso a uma formação e atuando como professora temos muitos pontos de diferença, o primeiro ponto é as

tecnologias onde minha mãe não teve acesso em sua época de ensino, o segundo ponto é as ideias mesmo tendo estudado ela muitas vezes tem a mente fechada (CAMILA, 20 ANOS, 2021).

Os desafios encarados são muitos ao longo do tempo, principalmente quem chega de fora para adaptar-se a uma nova rotina com uma carga exaustiva de trabalho e estudo.

Os desafios são muitos principalmente no estudo, onde na maioria das vezes as pessoas acham que por que a gente vem do interior somos ignorantes e não sabemos de nada (o popular burro), sempre tem aqueles que fazem de tudo para nos diminuir achando que somos incapazes de fazer qualquer tipo de coisa (CAMILA, 20 ANOS, 2021).

A rotina de Camila no momento depois da pandemia e voltou para a casa dos seus pais, onde as aulas são remotas é ajudar a mãe nas tarefas domésticas, construções de vídeos aulas para ajudar sua mãe com a tecnologia e nas encomendas de bolos e salgados. Camila também ajuda sua avó e faz alguns cursos durante o dia e a noite assiste suas aulas online.

4.3 Um relato histórico e comparativo das mulheres entrevistada, refletindo sobre os desafios e avanços

As entrevistas foram executadas com mulheres de diferentes idades sendo mães e filhas, para compreender suas histórias semelhantes e seus pontos diferentes. Em comparação com suas mães elas já tiveram um grande avanço e principalmente um avanço tecnológico. Coisa que na sua idade sua mãe nem poderia imaginar, já que na época de suas juventudes nem havia energia elétrica, era tudo a base de candeeiros, lampiões e lanternas e a *internet* existir nesses povoados, celular e computador não fazia parte do seu cotidiano como faz parte da vida hoje em dia.

Nessa época os pais dessas mulheres nem permitiam que elas estudassem. Maria, de 47 anos, afirma que “Uns dos fatores que fazia meu pai não deixar a gente estudar era para não aprender a escrever cartas para o namorado, mesmo assim a gente mandava recados, já que era a única forma de comunicação daquela época”. Hoje já podemos ver uma inovação tecnológica, onde todas as residências já têm energia elétrica e internet assim facilitando a vida dessas mulheres no estudo e no trabalho e também podemos observar que em torno de 80% das mulheres mais velhas já tem algum tipo de rede social (*Facebook, Instagram e WhatsApp*).

Assim, a cada dia que passa elas estão se conectando com o mundo e facilitando suas vidas, coisa que não era possível em sua juventude. Em comparação, os dois períodos de

tempo tiveram algumas mudanças significativas para essas mulheres, tanto as mais jovens como as mais velhas e também os pensamentos foram ampliando-se e ganhando novas direções. Hoje as mulheres que criavam suas filhas sobre o regime rígido já estão dando total incentivo para que as mesmas estudem e conquistem seu futuro e deixe o casamento para mais tarde, depois de formada e realizada profissionalmente.

Antes era apenas os homens que saíam para trabalhar, mas agora as mulheres estão lutando pelos seus direitos e deveres, elas estão trabalhando mais, estudando e se especializando cada vez mais e isso é muito importante, pois comparado a suas mães elas já avançaram bastantes. Essas mulheres mais jovens também estão deixando a maternidade para depois, a grande maioria delas, já tem mais de 20 anos de idade, não tem filhos e não pretende exercer a maternidade antes dos 30 anos de idade, sendo que na idade delas suas mães já tinham mais de um filho. Isso é muito importante para o crescimento profissional dessas mulheres.

As mulheres estão primeiro pensando em estudar para só depois pensar em casar e ter filhos já, com uma carreira construída e assim não se sujeitando a uma vida de restrições e a grande maioria nem tem certeza se querem mais o casamento. Fato que na época de suas mães não era possível esse pensamento, algumas mulheres que não conseguiam casa-se eram chamadas de moça velha pela sociedade, e essa mulher era obrigada a morar a vida toda com seus pais e submetida ao seu regime de restrições mesmo na fase adulta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, foi elaborado como principal fonte de pesquisa as entrevistas com as mulheres das comunidades Letreiro, Lagoa da Vaca e Lagoa da Cruz-Olho d'Água do Casado-AL, com o intuito de entender e registrar todas as histórias de vida delas e compreender o que está levando-as saírem em busca de novas oportunidades de trabalho e estudo. Também realizamos as entrevistas oral com os moradores mais velhos desses povoados com o intuito de entender o surgimento, e quem foram seus primeiros habitantes e o motivo que os trouxe até essas terras, e de que forma está o desenvolvimento tecnológico e como essas novas ferramentas estão trazendo novas informações para a população.

Nas entrevistas buscamos entender, cada história de luta de cada uma que vem todos os dias em busca de seu espaço de igualdade perante a sociedade e principalmente por ser mulheres camponesas.

Além das pesquisas de campo, também foram usadas referências bibliográficas como, Michelle Perrot e Saffioti, para podermos entender o preconceito de gênero vivenciado por cada mulher ao longo da história tanto nos estudos como na área profissional.

Essa base que tivemos com os autores nos levou a entender todas as lutas por igualdade e os seus novos comportamentos para uma liberdade de luta e conquista. O mundo para as mulheres ainda é muito desigual, e as oportunidades para as mulheres são poucas, principalmente as camponesas.

Essas lutas são muito importantes para a história de vida de cada uma dessas mulheres, e também muito importante o incentivo para as próximas gerações que vem e buscam ainda melhores oportunidades que essas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Zuleide Rodrigues. **Monografia da comunidade lagoa da vaca**, 2012.

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2014.

BRASIL. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-maria-da-penha.pdf>. Acesso em: _

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

DELPY, Christiane. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 17, p. 99-119, maio/ago. de 2015.

FRANÇA, Márcia Dayane Aquino. **Memórias de um tempo presente na saudade**: relatos sobre a estação ferroviária de olho d'água do casado/al. 2017. Monografia (Graduação em História) – Curso de História, Universidade Federal de Alagoas, 2017.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2. ed. Brasília: Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, 2018.

MAPA Político-Administrativo de Olho D'Água do Casado. Disponível em: https://dados.al.gov.br/catalogo/mn_MN/dataset/municipio-de-olho-d-agua-do-casado/resource/906ae1fd-477e-4b19-9455-5be48a220568?view_id=628da34a-22b1-4851-a323-22bf6f304534. Acesso em: 20 de abr. de 2021

Ministério Público do Estado de São Paulo. **Como surgiu a Lei Maria da Penha**. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Violencia_Domestica/Lei_Maria_da_Penha/vd-lmp-mais/Historia_da_lei#:~:text=A%20Lei%2011.340%2F06%2C%20que%20recebeu%20o%20nome%20de%20%E2%80%9C,%2C%20viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica%2C%20etc. Acesso em:

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Marileide de Melo. **Monografia da comunidade lagoas da cruz**, 2012.